

Tradução, comentário e notas de *Édipo em Colono* **de Sófocles**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2003

A presente dissertação de mestrado, desenvolvida na área de Letras Clássicas, foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, como material parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de Letras Clássicas, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira.

Como membro da banca examinadora estiveram presente:

Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira – IEL - UNICAMP

Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira – IEL – UNICAMP

Prof. Dr. Fernando dos Santos Brandão – UNESP (campus de Araraquara)

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA

IEL - UNICAMP

Zaniratto, Cristiane Patrícia

Tradução, Comentário e Notas de Édipo em Colono de Sófocles. / Cristiane Patrícia
Zaniratto - Campinas, SP: [s.n.], 2003

Orientador: Flávio Ribeiro de Oliveira

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tradução. 2. Tragédia Grega. 3. Séc. V a.C. 4. Sófocles. 5. Cultura Grega. I. Oliveira,
Flávio Ribeiro de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Resumo

A presente dissertação de mestrado consiste em uma tradução da tragédia *Édipo em Colono* de Sófocles. A tradução foi desenvolvida em prosa, entretanto, respeitou-se o formato original em versos para facilitar uma possível comparação com o texto original.

Trata-se de um trabalho que visa respeitar o texto como foi elaborado por Sófocles, de modo que, sempre que possível, foram mantidas características do original, como jogos de palavras, metáforas etc.

À tradução segue um comentário sobre a última peça, visando esclarecer sobretudo alguns dos principais pontos do enredo, como a evolução do caráter de Édipo ao longo do drama e sua transformação em herói após sua morte apoteótica.

Índice

Resumo.....	5
Agradecimentos.....	9
Notas introdutórias sobre o processo de tradução.....	11
Édipo em Colono.....	13
Entre o humano e o Divino.....	111
Bibliografia.....	127

Agradecimentos

Agradeço sobretudo aos meus professores de Língua Grega Flávio Ribeiro de Oliveira e Trajano Augusto Ricca Vieira, sem os quais essa tradução não teria se viabilizado. Ao prof. Dr. Flávio presto ainda minha gratidão pela paciência e dedicação com que me orientou ao longo deste trabalho de mestrado. Agradeço ainda ao colega e amigo Renato Gonçalves Lopes, que se dispôs, com atenção extrema, ao laborioso processo de revisão do texto. Por fim, dirijo meus agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP), instituição que financiou o desenvolvimento deste trabalho durante os dois anos em que me dediquei ao mestrado.

Notas introdutórias sobre o processo de tradução

A tradução de *Édipo em Colono* foi desenvolvida a partir da versão do texto original adotado por Lloyd-Jones e N. G. Wilson, apresentada em *Sophoclis Fabulae*, cuja referência bibliográfica encontra-se na página ____, referente à bibliografia adotada para este trabalho. A escolha justifica-se pelas interessantes soluções propostas pelos autores para versos que apresentam variações, quando comparados a outros manuscritos; soluções essas bem justificadas em *Sophoclea* – também constante na bibliografia – obra de fundamental importância para o processo deste trabalho. Evidentemente, não foram descartadas consultas a outros comentadores da peça, como Kamerbeek e Nuncciotti, autores citados na bibliografia que elucidam alguns trechos de difícil compreensão dos versos gregos.

A tradução a seguir foi desenvolvida em prosa, sem que houvesse grandes preocupações com questões relativas à métrica. A diagramação em versos, no entanto, foi mantida com o intuito de facilitar a comparação com o texto de Sófocles. A tradução é, em alguns momentos, bastante próxima do original, o que teve por objetivo realçar algumas características dos versos gregos, como a estrutura sintática, por exemplo, fato que não excluiu a preocupação com a língua portuguesa.

Deve-se esclarecer, por fim, que a ênfase desta dissertação está na tradução de *Édipo em Colono*, tragédia grega mais longa dentre as que chegaram aos dias atuais. O comentário sobre o drama, constante no final deste trabalho, visa chamar a atenção do leitor

para alguns pontos essenciais da tragédia em questão, pontos esses baseados na crítica de autores cuja obra têm enriquecido de maneira significativa o campo das letras clássicas.

Édipo em Colono

Prólogo

Édipo

Filha de um cego ancião, Antígona,
aonde chegamos; à qual cidade?
Quem hoje acolherá Édipo -
um vagamundo - com dons escassos?

Pouco peço, menos ainda recebo 5
e a mim isso basta.

As dores, o delongado Cronos que a mim se une
e a nobreza ensinam-me a resignação.

Filha, se vês um assento em um espaço 10
onde é lícito pisar ou em bosque sacro,
para e acomoda-me para sabermos
onde estamos: estrangeiros aprenderemos
como os cidadãos e executaremos o que ouvirmos.

Antígona

Pai, Édipo infausto, as torres 15
Protetoras da cidade parecem distantes.

Este recinto é sacro: vicejam
loureiros, oliveiras, vinhas. Rouxinóis,
densas plumas, gorjeiam entre os ramos.

Dobra os membros na rude penha: 20
ancião, cumpriste longa jornada.

Édipo

Agora senta-me e cuida deste cego.

Antígona

Por Cronos, não preciso aprender isso.

Édipo

Podes ensinar-me onde estamos?

Antígona

Conheço Atenas, mas não este lugar. ¹

Édipo

É o que todo transeunte nos dizia!

25

Antígona

Devo ir a alguma parte e aprender que local é este?

Édipo

Sim, filha, sobretudo se é habitável.

(Um habitante de Colono se aproxima de Édipo e Antígona)

Antígona

Mas é mesmo habitado! Julgo não ser preciso, pois, junto a nós, vejo este homem.

Édipo

Acaso, precipita-se e avança para cá?

30

Antígona

Melhor, já está presente! Fala o que a ti é oportuno proferir. Eis o homem!

Édipo

¹ Édipo e Antígona estão em Colono, de onde avistam a cidade de Atenas.

Estrangeiro, ouço dela, que por mim
e por si própria enxerga, que vens a nós
como observador propício para aclarar o que é obscuro... 35

Estrangeiro

Antes de indagares mais, deixa este posto:
ocupas um lugar em que não é pio pisar.

Édipo

Que lugar é este? A que deus é consagrado?

Estrangeiro

Intangível e inabitado, pois as aterradoras
deusas, filhas da Terra e do Escuro², o ocupam. 40

Édipo

Por qual nome augusto devo evocá-las?

Estrangeiro

Eumênides, videntes de todas as coisas,³
diria o povo daqui; alhures, outros nomes belos.

Édipo

Que, propícias, acolham o súplice:
eu não deixaria ainda este posto! 45

Estrangeiro

O que dizes?

² Usualmente, se traduz a palavra “*skópos*” po “sombra”, mas, nesse caso, o termo grego foi traduzido por “escuro”, para que se preservasse o gênero masculino, essencial no presente contexto.

Édipo

É o sinal do meu destino!

Estrangeiro

Não me animo em expulsar-te sem o assenso
da pólis antes de informar o que fazes!

Édipo

Pelos deuses, estrangeiro, não me desonres –
um vagamundo! Quero uma explicação!

50

Estrangeiro

Indica e, por mim, não te exporás à desonra.

Édipo

Qual é o local sobre o qual pisamos?

Estrangeiro

Tudo quanto também sei, ouvirás e conhecerás.

Todo este local é sacro: Posídon Augusto

o ocupa e nele está o ignífero deus,

55

Titã Prometeu. O ponto que calcas

é chamado brônzeo umbral desta terra,⁴

baluarte de Atenas. Os campos vizinhos

orgulham-se em ter este cavaleiro, Colono,⁵

como protetor e portam seu nome,

60

que, em comum, a todos denomina.

³ As Eumênides, também denominadas Erínias, eram entidades violentas, responsáveis por vingar os crimes de sangue. Protetoras da ordem social, costumavam se abater sobretudo contra aqueles que atentavam contra os laços familiares.

⁴ Acreditava-se que o rochedo existente na entrada do Hades era composto por degraus de bronze. Os gregos supunham que a região norte de Atenas situava-se sobre esse rochedo.

⁵ Presume-se que a estátua de Colono era visível do local da cena.

Eis os fatos, estrangeiros, não em versos
narrados, mas sobretudo no convívio.

Édipo

Então há quem habite esses lugares?

Estrangeiro

Sim! Aqueles de quem este deus é epônimo.

65

Édipo

Alguém os governa ou a palavra cabe ao povo?

Estrangeiro

Esta terra é governada pelo rei da cidade.

Édipo

Quem é este que domina por força e poder?

Estrangeiro

Teseu se chama, prole de Egeu, seu antecessor.

Édipo

Dentre vós, algum enviado iria até ele?

70

Estrangeiro

Para quê: dizer-lhe ou dispor algo para ti?

Édipo

Para que ajude pouco e lucre muito.

Estrangeiro

De um homem que não vê, qual a ajuda?

Édipo

Tudo quanto dissermos, diremos lúcidos.

Estrangeiro

Estrangeiro, sabe como não falhar agora? 75

Como és nobre, nota-se, exceto por tua sorte,
fica aqui, onde surgiste, até que eu vá
e conte esses fatos aos cidadãos daqui,
não aos da cidade. Eles decidirão
se deves ficar ou partir novamente. 80

(O estrangeiro deixa a cena)

Édipo

Filha, apartou-se de nós o estrangeiro?

Antígona

Apartou-se. Profere tudo com calma,
pai, pois só eu estou por perto.

Édipo

Soberanas, olhar apavorante, já que o posto vosso
desta terra é o primeiro em que repousei, 85
não sejais insensíveis comigo e com Febo,⁶
que, ao vaticinar aquelas agruras diversas,
anunciou esta pausa, após longo tempo,
ao chegar ao postremo país, onde das deusas
augusta, o posto próprio a estrangeiros eu tomaria. 90
Aqui anunciou findar a vida infausta;

⁶ Epíteto de Apolo.

ao me fixar, lucro aos acolhedores
e dano aos perseguidores.
Assegurou-me que viriam sinais disso:
tremores, algum trovão, raios de Zeus. 95
Agora compreendo – não há dúvida –
que um fiel augúrio vosso conduziu-me
nesta jornada a este bosque, pois jamais,
vagando, deparar-me-ia primeiro convosco –
eu, sóbrio, com as abstinências⁷ - nem me teria 100
assentado sobre este Augusto e rude degrau.
Deusas, pelos apolíneos oráculos, dai-me
passagem e um término de vida,
se não pareço faltar em algo, servidor eterno
com os mais duros trabalhos dos mortais. 105
Ide, ó doces filhas da primeira Sombra,
ide, ó majestosa Palas, chamada Atenas,
dentre todas a polis mais honrada,
contristai-vos por este mísero espectro
de Édipo, pois a forma já não é a de outrora. 110

Antígona

Cala-te! Chegam anciãos
para examinar teu posto.
Calar-me-ei! Esconde-me no bosque,
Longe, onde não seja visto da estrada,
até que eu saiba que palavras dirão. 115
No saber está a precaução das ações.

Párodo

Coro

⁷ Era proibido oferecer vinho em libações às Eumênides.

Olha! Quem era? Onde está? (estrofe A)
Para onde foi o de todos
de todos o mais impudente? 120
Procura, saúda,
perscruta por tudo! Prófugo,
prófugo é o senil forasteiro!
Pois não teria irrompido 125
no intangido bosque
destas virgens indômitas,
cujo nome trememos ao falar,
em cuja presença passamos cegos, 130
tácitos, mudos, deixando à boca
a linguagem do silêncio reverente.
Agora há rumores de que
chegam sem respeitá-las.
Busco-o por todo o templo 135
e ainda não consigo
saber onde ele está.

Édipo

Sou quem buscais! Vejo com a voz
como se costuma dizer.

Coro

Ai, ai!
Terrível ver-te, terrível ouvir-te! 140

Édipo

Rogo: não me olheis como ímpio!

Coro

Zeus, protetor, quem é o ancião?

Édipo

Alguém que não há de se felicitar
pela sorte, ó guardiões deste país. 145
É evidente! De outro modo, assim
com olhos alheios não me arrastaria
e, grande, não aportaria com micro âncoras!⁸

Coro

Ai! Olhos cegos (Antístrofe A)
acaso os tens desde o nascer? 150
Lúgubre e longa vida tiveste, parece.
Mas, por mim, às tuas não unirás
estas maldições. Estás indo longe, 155
longe demais! Para que não adentres
o bosque mudo e gramíneo,
onde está o vaso, cuja
água e o fluxo de mélica
bebida se imiscuem, 160
evita bem isso, aflito forasteiro!
Muda-te! Retira-te!
Ampla via nos aparta!
Ouves, errante, múltiplas penas? 165
Se tens alguma palavra
para discutir comigo, não pises
o chão que não é pio pisar.
Vem para onde é lícito falar. Antes, abstém-te!

Édipo

⁸ A metáfora náutica era comum na tragédia grega.

Filha, que conselho seguir?

170

Antígona

Pai, deves agir como os cidadãos,
cede no que é preciso e os ouve.

Édipo

Toma agora a minha mão

Antígona

Já a toco.

Édipo

Estrangeiro, que eu não seja injustiçado
por confiar em ti e mudar de lugar.

175

Coro

Por certo, deste posto, ancião,
contra tua vontade jamais te levarão.

(Estrofe B)

Édipo

Prossigo mais?

Coro

Caminha ainda mais!

Édipo

Ainda?

Coro

Moça, fá-lo progredir
mais, pois tu entendes.

180

Antígona

Segue! Segue com esses passos
cegos, pai, para onde te levo.

Édipo
.....

Antígona
.....
.....

Édipo
.....⁹

Coro

Estrangeiro em terra estrangeira,
infeliz, resigna-te a odiar 185
o que à cidade não é caro
e o que lhe é caro, a venerar.

Édipo

Então leva-me, filha, para onde
pisando em chão pio,
possamos falar e ouvir. 190
Contra a necessidade não guerreemos!

Coro

Pára! Além deste pétreo degrau (Antístrofe B)
não mais apóies teu pé!

⁹ As falas de Édipo e Antígona foram perdidas. Conclui-se isso pelo fato de que os versos 176 – 187, que formam a estrofe, devem corresponder metricamente aos versos 192 –206, que formam a antístrofe.

Édipo

Assim?

Coro

Basta, como ouves!

Édipo

Devo sentar-me?

Coro

Curvado sobre a beira 195
da penha, bem agachado.

Antígona

Pai, isso me cabe. Com calma
harmoniza passo a passo. 199

Édipo

Ai! Ai de mim! 198

Antígona

Apóies teu velho corpo 200
sobre minha mão amiga.

Édipo

Ai de mim! Destino infando!

Coro

Infeliz, agora que descansas, diz!
Qual é a tua origem?
Quem és, multi-sofredor, que és guiado? 205
Posso saber qual é tua pátria?

Édipo

Apátrida, estrangeiros, mas não...

Coro

O que é isso que proíbes, ancião?

Édipo

Não! Não indagues quem sou,
não vasculhes, nem explores mais!

210

Coro

O que há?

Édipo

Terrível gênese a minha!

Coro

Dize!

Édipo

Filha, ai de mim, o que falar?

Coro

Qual a tua linhagem paterna,
estrangeiro? Profere!

215

Édipo

Ai! O que será de mim, filha?

Coro

Dize, já que vais ao ponto extremo!

Édipo

Então declararei, não há como ocultar.

Coro

Demorais em demasia. Apressa-te!

Édipo

De Laio conheceis algum...

Coro

Oh! Ai, ai!

220

Édipo

E a raça dos Labdácidas?

Coro

Oh, Zeus?

Édipo

E o mísero Édipo?

Coro

Então és tu?

Édipo

Em nada temais o que digo!

Coro

Ai, ai!

Édipo

Mísero!

Coro

Ai, ai!

Édipo

Filha, o que haverá agora?

225

Coro

Fora! Abandonai o país!

Édipo

E o que prometeste? Quando cumprirás?

Coro

A ninguém vem vingança fatal
por vingar-se do que antes se sofreu.

230

Enganos que outros enganados compensam
retribuem dor e não favor!

Tu, de novo, aparta-te do recinto!

Dista, deixa minha terra!

Não imponhas dificuldade

235

ainda maior à minha cidade.

Antígona

Estrangeiros, ânimo compassivo,

já que não suportais este meu

pai senil após ouvir dele

o relato de seus feitos involuntários,

240

apiedai-vos, ao menos, - suplicamos,

estrangeiros – de mim, desditosa,

que por meu pai infeliz rogo.

Rogo – não com cegos olhos teus olhos

mirando, mas como alguém que

245

de vosso sangue se revela - que o mísero

encontre compaixão. De vós dependemos

como de um deus, nós infelizes.

Ide! Consenti na inesperada graça!
Rogo pelo que te é caro em casa: 250
filho, esposa, posses ou deus,
pois não acharias, olhando bem,
mortal que consiga escapar
se um deus o conduzir.

Primeiro Episódio

Coro

Sabe, filha de Édipo, por ti e por ele
igualmente nos apiedamos pela desgraça, 255
mas tememos as ações divinas e não
poderíamos proferir mais do que foi dito.

Édipo

Qual é então o ganho da fama
e da bela glória se em vão se esvaem,
já que dizem ser Atenas a mais reverente 260
aos deuses, única capaz de salvar o estrangeiro
oprimido, única capaz de defendê-lo?
Onde está tudo isso para mim?
Vós que deste degrau me afastastes
me banis agora só por temer meu nome? 265
Pois não é meu corpo, não são meus atos,
já que meus atos, sabe, antes os sofri do que os cometi,
se preciso narrar as ações de minha mãe
e de meu pai, pelas quais me receais. Bem sei!
Contudo, como posso ser por natureza vil, 270
eu, que sofri e revidei, de modo que, mesmo
se ciente agisse, nem assim seria vil!
Mas cheguei onde cheguei inconsciente

e aqueles por quem sofri, cientes, me arruinaram.
Diante disso, pelos deuses, rogo, estrangeiros: 275
Assim como me afastastes, salvai-me!
Não honreis os deuses para depois
torná-los inglórios de modo algum!
Vêde que seu olhar se volta ao mortal reverente,
mas seu olhar também se volta ao irreverente 280
e ao ímpio ainda não houve fuga dos deuses.
Junto deles não ofusques tu a próspera
Atenas por servir com feitos ímpios.
Mas, como me tomaste por súplice com uma promessa,
protege-me e defende-me. Não me desonres, 285
ao olhar minha face terrível de se ver.
Pois chego sacro, reverente e trago ganho
a estes cidadãos. Quando um chefe estiver aqui –
quem quer que seja vosso líder –
então, ouvirás tudo e saberás. 290
Por enquanto, de modo algum te tornes vil.

Coro

Devo temer muito tuas razões,
ancião, pois foram formuladas
com palavras não vãs. Mas apraz-me
que os reis desta terra decidam isso. 295

Édipo

E onde está o senhor deste país, estrangeiros?

Coro

Habita a cidade paterna. O núncio
que me enviou aqui partiu para buscá-lo.

Édipo

Acaso julgais que por um cego terá algum
respeito ou apreço, para que ele próprio venha? 300

Coro

É certo, ao menos quando escutar teu nome.

Édipo

Quem é que lhe anuncia esta notícia?

Coro

Longa é a via. As palavras de viajantes
muito se aprazem ao vagar. Confia!
Ao ouvir isso, estará aqui. Pois teu nome, 305
ancião, muito se difunde por todos. Assim, mesmo que
calmo repouse, ouvindo sobre ti, célere chegará.

Édipo

Que venha trazer fortuna a sua cidade e a mim.
Que homem nobre não é seu próprio aliado?

Antígona

Ó Zeus, o que dizer? O que pensar, pai? 310

Édipo

O que há, Antígona, filha?

Antígona

Vejo uma mulher

Que se aproxima de nós, montada em uma potra
do Etna. Na cabeça, um chapéu da Tessália,

que lhe encobre a face, a priva do sol.

O que falar?

315

É? Não é? Será que meu juízo me extravia?

Digo, contradigo, não sei o que dizer!

Infeliz!

Não é outra! Ao menos com olhar rútilo

acena, avança e sinaliza algo.

320

Só pode ser ela – é claro – Ismene!

Édipo

O que falas, filha?

Antígona

Vejo tua filha e minha irmã.

Logo poderás reconhecê-la pela voz.

Ismene

Pai e irmã, as duas mais doces palavras para mim!

Com quanto custo vos encontrei! E agora,

325

devido ao pesar, com custo vos olho!

Édipo

Filha, chegaste?

Ismene

Ó pai, disforme ao olhar!

Édipo

Filha, estás aqui?

Ismene

Não sem minha dor!

Édipo

Toca-me filha!

Ismene

Seguro ambos simultaneamente.

Édipo

Ó filhas, irmãs!

Ismene

Vidas bitormentadas!

330

Édipo

A dela e a minha?

Ismene

Em terceiro tormentada a minha!

Édipo

Filha, por que vieste?

Ismene

Para cuidar de ti!

Édipo

Por saudade?

Ismene

E para em pessoas dar notícias,
unida a um servo, único no qual confiei.

Édipo

Onde estão teus jovens irmãos¹⁰ para sofrer?

335

Ismene

Estão onde estão! Terrível ensejo para eles!

¹⁰ Eteocles e Polinices.

Édipo

Aqueles dois, símiles em tudo aos costumes
do Egito, em natureza e modo de vida!

Pois lá, enquanto os homens em casa ficam
sentados a tecer, suas esposas 340
sempre saem para ganhar a vida.

Para vós, filhas, eles que deviam sofrer isso,
moram na morada como donzelas e vós
duas, ao invés dos dois, sofreis meus males –
infeliz de mim! Uma, desde que deixou 345
a tenra idade e seu corpo tomou força –
infausta – sempre comigo errante,
guia o velho pai por agrestes bosques,
vagando sem comer e com pés descalços.

Abatida por múltiplas tormentas e 350
abrasada pelo sol, a infeliz julga secundário
o alento do lar, se o pai tiver sustento.

E tu, filha, oculta aos Cadmeus,
antes vieste portar ao pai todos os oráculos
que concernem a mim. Foste fiel guardiã 355
dos interesses meus, quando fui banido da terra.

E agora, Ismene, que palavras trazes ao pai?
Que missão te fez deixar o lar?
Não vens sem razão, isso eu bem sei:
trazes-me um motivo de temor, suponho. 360

Ismene

Os padeceres que padeci, pai,
buscando onde manténs a vida,
abandonarei. Não quero sofrer duplamente,

afligindo-me de novo ao contá-los.
Vim para te expor o mal que agora 365
envolve teus dois desgraçados filhos.
Antes aprazia-lhes deixar o trono
a Creonte e não macular a cidade.
À luz da razão viam o antigo exício da raça
a que ponto se abatera sobre tua mísera casa. 370
Mas agora, por obra de um deus ou de uma mente nefasta,
vem aos dois – três vezes míseros – uma disputa atroz
para tomar o poder e o domínio real.
O mais jovem, há menos tempo nascido,
priva do trono Polinices, que nasceu 375
antes, e o expulsa da pátria.
E este, segundo rumores que crescem entre nós,
partiu em fuga para a côncava Argos,¹¹
e faz nova aliança e companheiros de armas
para em breve tomar honrosamente 380
a planície Cadméia ou para elevá-la ao céu.
Isso não é mero palavatório, pai,
mas fatos terríveis! Não posso saber
como os deuses apiedar-se-ão de tuas penas.

Édipo

Já tiveste esperança de que os deuses dar-me-ão 385
atenção, de modo a salvar-me algum dia?

Ismene

Eu tenho, pai, pelos oráculos de agora.

Édipo

¹¹ O epíteto “côncava” se aplica a Argos pelo fato de que a cidade era situada em uma região entre montanhas.

Quais são eles? O que vaticinam, filha?

Ismene

Os habitantes de lá¹² procurar-te-ão um dia
morto ou vivo por causa da prosperidade.

390

Édipo

Mas quem teria sucesso por obra de um tal homem?

Ismene

Dizem que o poder deles está em ti.

Édipo

Quando nada mais sou, então sou um homem?

Ismene

É que agora os deuses te elevam, antes te arruinavam.

Édipo

É vão elevar um velho que tombou jovem!

395

Ismene

Mas, fica sabendo que, por isso,
Creonte virá em curto e não ilimitado tempo.

Édipo

Para fazer o quê, filha? Explica-me.

Ismene

Para te deixar perto da terra Cadméia, de modo que

¹² Tebas

dominarão sobre ti, sem que adentes os limites da terra.

400

Édipo

E que lucro traz o que diante da porta jaz?

Ismene

Para eles, teu sepulcro infeliz é um pesar.

Édipo

Pode-se entender isso pela razão, sem um deus.

Ismene

Por isso, então, querem te deixar junto ao país,
não onde poderias dominar sobre ti próprio.

405

Édipo

Acabo me cobrirão com o pó tebano?

Ismene

Mas o sangue vertido de um parente não deixa, pai!

Édipo

Então, jamais dominarão sobre mim!

Ismene

Então, um dia, isso será um peso para os Cadmeus.

Édipo

Filha, em que conjuntura isso se revela?

410

Ismene

Sob tua ira, quando ficarem ante tua sepultura.

Édipo

O que afirmas, dizes ao ouvir de quem, filha?

Ismene

De homens enviados a Delfos.

Édipo

De fato, Febo declara isso sobre mim?

Ismene

Como dizem os que tornaram ao solo tebano.

415

Édipo

Então algum de meus filhos ouviu isso?

Ismene

Igualmente, ambos o sabem com clareza.

Édipo

E os misérrimos, ao escutar essas coisas,
antepõem a tirania à saudade de mim?

Ismene

Sofro ao escutar isso, mas suporto.

420

Édipo

Que os deuses não lhe extingam
a fatal disputa e que para ambos
caiba a mim a decisão desta contenda,

que agora ambos travam, erguendo o gládio!
Pois aquele que agora tem o cetro e o trono 425
não poderia ficar, nem retornar aquele
que foi banido. Quando eu, pai deles,
fui desonrosamente expulso da pátria,
não me detiveram, não defenderam, ao contrário,
no que lhes toca, fui banido e proclamaram meu exílio. 430
Poderias dizer que como eu, então, desejava isso,
a cidade consentiu no dom com razão?
Não mesmo, já que naquele mesmo dia,
quando a alma fervilhava e ser-me-ia
aprazível perecer lapidado com pedras, 435
ninguém surgiu para me ajudar nesse desejo.
Passado um tempo, quando a dor toda abrandara
e compreendi que minha alma se excedera
ao punir em excesso os erros anteriores,
naquele instante, então, a cidade me bania 440
de minha terra à força e eles, filhos deste pai,
ao pai não podendo ajudar, não quiseram agir
e, por falta de uma breve palavra deles,
fui exilado, mendicante, e pus-me a vagar para sempre.
Por obra dessas duas, que são moças, o quanto 445
a natureza lhes permite, tenho meio de vida,
segurança na terra e o socorro da família.
Mas os dois ao pai preferem apoderar-se
do trono e do cetro e reinar sobre o país.
Mas nunca ter-me-ão como aliado 450
e nem deste reinado em Tebas lhe virá proveito.
Eu sei disso após ouvir dela os oráculos
e após refletir nas profecias preditas
para mim que Febo enfim cumpriu.

Por isso, que enviem Creonte para me buscar 455
e quem mais tiver força na cidade.

Se vós, estrangeiros, desejardes, unidos
a estas deusas augustas, tutelares do demo,
dar-me-ão proteção, obtereis um grande salvador
para esta cidade e, para os inimigos, pesares. 460

Coro

És digno de lamentações, Édipo,
tu e tuas filhas. Já que te auto proclamas
salvador desta terra com essas palavras,
desejo aconselhar-te procedimentos úteis.

Édipo

Caríssimo, guia-me para que eu tudo cumpra! 465

Coro

Oferece uma lustração a estas deusas,
ante as quais primo chegaste e cujo chão calcaste.

Édipo

Como, estrangeiros, ensinai!

Coro

Primeiro traz sacras libações, tocadas
por mãos limpas, da fonte que sempre flui. 470

Édipo

E quando eu pegar essa corrente pura?

Coro

Há crateras, obra de hábil artesão:
coroa a borda e as asas de ambos os lados da boca.

Édipo

Com ramagens, flocos de lã ou de que modo?

Coro

Com toirão recém tosquiado de um cordeiro novo.

475

Édipo

Que seja! E depois, por onde devo concluir?

Coro

Esparge as libações de pé, voltando primeiro ao oriente.

Édipo

Devo espargi-las com os vasos que mencionas?

Coro

Sim, em tripla aspersão, mas a última, inteira.

Édipo

Enchendo-os com o quê? Ensina também isso!

480

Coro

Com água, mel, mas não tragas vinho!

Édipo

E quando a terra negra sob as folhas receber isso?

Coro

Com as duas mãos, põe nela três vezes nove
galhos de oliveira e roga estas súplicas...

Édipo

Quero ouvi-las. São de grande importância! 485

Coro

“Como as chamamos “Benevolentes”,
que com ânimo benévolo acolham o súplice
salvador.” Pede tu próprio ou alguém por ti,
proferindo em voz inaudível, não elevando grito.
Depois, afasta-te e não te voltes. 490
Ao procederes assim, confiante, poderei te ajudar;
de outro modo, estrangeiro, temeria por ti.

Édipo

Filhas, ouvís estes estrangeiros, habitantes daqui?

Ismene

Ouvimos. Ordena o que é preciso fazer.

Édipo

A mim não é viável, pois não sou capaz 495
por não ter forças e por não ver, duplo mal.
Que uma de vós vá e execute esses procedimentos:
penso que, em vez de mil, baste uma alma
para expiar isso, se tiver boa vontade.
Ide, praticai célere, mas não me deixeis só, 500
pois meu corpo solitário não teria forças
para prosseguir sem um guia.

Ismene

Pois bem! Irei fazê-lo, mas desejo conhecer
o lugar onde devo prestar o serviço.

Coro

Além deste bosque, estrangeira. Se faltar
algo, há quem lá habite, que te esclarecerá. 505

Ismene

Posso ir lá! Antígona, cuida do pai aqui.
Se pelos genitores alguém padece,
não se deve ter em mente o padecer. 509

Ismene sai de cena

Coro

Terrível é despertar um mal que jaz,
ó estrangeiro; (estrofe A)
contudo, desejo saber...

Édipo

O quê?

Coro

...a dor, com a qual te deparaste,
que irremediável se revelou...

Édipo

Por tua hospitalidade, não declares
as ações que impudentemente sofri. 515

Coro

Quero ouvir corretamente, estrangeiro,
o super difundido relato que jamais cessa.

Édipo

Ai de mim!

Coro

Consente! Suplico!

Édipo

Ai, ai!

Coro

Obedece: também o farei em quanto desejares! 520

Édipo

Sofri misérias, estrangeiros, sofri a contragosto.

Que o deus o saiba: (antístrofe A)
nada disso foi voluntário...

coro

com relação a quê?

Édipo

A cidade, sem saber, com um mísero leito, 525
atou-me a núpcias nefandas...

Coro

É por causa de tua mãe, como ouço,
que é infame o leito que ocupaste?

Édipo

Ai de mim! É a morte ouvir isso,
ó estrangeiro! E essas minhas duas...

530

Coro

Como dizes?

Édipo

...filhas, duas maldições...

Coro

Ó Zeus!

Édipo

...saíram do ventre daquela que também é minha mãe!

Coro

São nascidas de ti e...

(estrofe B)

Édipo

Ao mesmo tempo irmãs do pai!

535

Coro

Ai!

Édipo

Ai! Assaltos
de múltiplos males!

Coro

Sofreste...

Édipo

Sofri dores inolvidáveis!

Coro

Cometesteste...

Édipo

Não cometi!

Coro

O que foi então?

Édipo

Recebi

um dom que eu, infausto coração,
jamais deveria obter após ter ajudado.¹³

540

Coro

Infeliz! E então? Deste a morte...

(antístrofe B)

Édipo

O que dizes? O que queres saber?

Coro

...a teu pai?

Édipo

Pela segunda vez
golpeaste-me! Chaga sobre chaga!

Coro

Mataste...

¹³ Édipo se refere ao episódio anterior a essa tragédia, em que livrou Tebas das maldições da Esfinge. Por ter derrotado o monstro, o herói recebeu o trono da cidade e a mão de Jocasta como recompensa.

Édipo

Matei! Mas há...

545

Coro

O que dizes?

Édipo

...uma razão!

Coro

Qual?

Édipo

Eu explicarei:

perturbado pela maldição, matei e aniquilei,
mas puro perante a lei. Sem saber cheguei a isso.

Coro

Mas eis presente nosso rei, filho de Egeu,
Teseu, que partiu ao teu chamado.

550

Teseu

Após ouvir de muitos, no passado,
sobre a sangrenta mutilação de teus olhos,
reconheço-te, ó filho de Laio, e agora,
ao ver-te nestas vias, estou certo.

Pois as vestes e a desditosa face

555

nos revelam quem és e, por te lamentar,
quero interrogar, Édipo infausto,
com que súplica vens a mim e à cidade,
tu e a infausta que te acompanha.

Declara! Pois só se mencionasses

560

alguma ação terrível demais eu recuaria.

Sei que, como tu, eu mesmo fui educado
no exílio e, sendo um só homem em terra estranha,
enfrentei perigos, pondo em risco minha vida,
de modo que não poderia evitar socorrer 565
ninguém que fosse estrangeiro como tu és agora.
Sei que sou homem e que do amanhã
não cabe maior parte a mim do que a ti.

Édipo

Teseu, tua nobreza, em poucas palavras
permitiu que me fosse preciso falar pouco, 570
pois quem sou, de que pai fui gerado
e de que terra vim, tu o disseste,
de modo que nada me resta, exceto
dizer o que desejo e o discurso estará feito.

Teseu

Diz isso agora mesmo para que eu o saiba! 575

Édipo

Venho para te ofertar meu mísero corpo.
Não é um dom precioso pela aparência,
mas seu valor é melhor que uma bela forma.

Teseu

E que tipo de valor julgas ter trazido?

Édipo

Podes saber com o tempo, não no presente, suponho. 580

Teseu

Em que tempo seu benefício manifestar-se-á?

Édipo

Quando eu morrer e fores meu sepultador.

Teseu

Pedes pelos instantes finais de tua vida;
e o entremeio, esqueces ou por nada o tomas?

Édipo

É que, então, ele será colhido.

585

Teseu

Mas este favor que me pedes é insignificante!

Édipo

Vê bem: não é diminuta, não, essa disputa.

Teseu

Falas de teus filhos ou de quê?

Édipo

Eles ordenarão que me levem para lá.¹⁴

Teseu

Mas, se queres ir, o exílio não te é grato.

590

Édipo

Mas, quando eu mesmo queria, não deixaram!

¹⁴ Tebas.

Teseu

Ó tolo! A irritação em males é improfícua!

Édipo

Quando eu explicar, adverte; agora, refreia-te.

Teseu

Diz! Pois não posso censurar-te sem saber.

Édipo

Sofri, Teseu, males sobre males!

595

Teseu

Queres falar da antiga desgraça de tua raça?

Édipo

Não! Todos os gregos relatam isso.

Teseu

Então o que sofres além da medida humana?

Édipo

Eis meu caso: fui banido de minha terra

por meus próprios descendentes.

600

Jamais há retorno para mim, que sou parricida.

Teseu

Como buscar-te-iam, se deves habitar à parte?

Édipo

A voz divina há de obrigá-los.

Teseu

Temendo que pesar predito pelo oráculo?

Édipo

Que deverão ser vencidos neste país. 605

Teseu

E como minha relação com eles se converteria em fel?

Édipo

Caríssimo filho de Egeu, só para os deuses
não há velhice nem morte algum dia;
todo o resto Cronos onipotente destrói.

Perece o vigor da terra, perece o do corpo; 610

morre a confiança, brota a desconfiança
e o mesmo ânimo nunca permanece
entre amigos nem de cidade para cidade.

Para uns já, para outros depois
a alegria converte-se em fel e depois em amizade. 615

Se para Tebas hoje, há dias de sol
para ti, Cronos infinito transcorre
e gera infinitas noites e dias,
nos quais com o gládio dispersarão
sob suave pretexto a sinfonia benévola de agora, 620

lá, onde meu dormente e oculto cadáver
gélido deles o quente sangue sorverá –
se Zeus ainda é Zeus e Febo, filho de Zeus, é veraz.

Mas não me apraz citar palavras interditas.
Deixa-me cessar onde comecei; conserva apenas 625

tua fidelidade e jamais poderás afirmar que acolheste

Édipo como improfícuo habitante daqui,
se é que os deuses não estão me enganando.

Coro

Rei, antes esse homem mostrou-se cumpridor
dessas ou de palavras como essas para esta terra. 630

Teseu

Quem desprezaria a bondade de um tal homem,
Para quem o lar aliado em primeiro lugar
é sempre comum entre nós?
E depois, chega súplice aos deuses
e paga tributo nada simples a mim e a esta terra. 635
Venerando essas coisas, jamais desprezarei
seu favor e torná-lo-ei cidadão do país.

Teseu fala ao corifeu:

Se apraz ao estrangeiro ficar aqui,
ou se quer ir comigo, ordeno-te que o guarde.

Dirige-se novamente a Édipo:

Decidas-te, Édipo, e concedo-te servir-te do que 640
te apraz dentre essas condições, pois consentirei nela.

Édipo

Ó Zeus, concedei o bem a tais homens!

Teseu

O que queres então? Ir a minha casa?

Édipo

Se me fosse lícito. Mas este é o lugar...

Teseu

Onde farás o quê? Pois não me oporei!

645

Édipo

Onde dominarei sobre os que me baniram.

Teseu

Mencionas um grande dom de tua presença!

Édipo

Se persistir em mim o que dizes e o realizares.

Teseu

Confia em mim! Não te trairei.

Édipo

Não te atarei por juramento, como se fosses vil.

650

Teseu

Então não terias nada mais que minha palavra.

Édipo

Como agirás então?

Teseu

Tens receio sobretudo de quê?

Édipo

Virão homens...

Teseu (*apontando para seu séquito*)

Mas eles ocupar-se-ão!

Édipo

Cuida para não me abandonares...

Teseu

Não me ensines o que fazer!

Édipo

É preciso que quem receia...

Teseu

Meu coração não receia!

655

Édipo

Não sabes sobre as ameaças...

Teseu

Mas sei que por mim

nenhum homem te levará daqui à força.

[Muitas vezes, ameaças com muitas palavras vãs
ameaçam sob o efeito da ira. Mas, quando a mente
torna-se senhora de si, as ameaças já eram.]¹⁵

660

Assim será para eles: se ousarem mencionar
coisas terríveis sobre teu rapto, sei que o pélagos
aqui revelar-se-á amplo e inavígero.

Portanto, rogo que confies, mesmo
sem minha decisão, se foi Febo quem te enviou.

665

Contudo, sei que, mesmo ausente, meu nome
guardar-te-á para que não sofra males.

¹⁵ O trecho em questão corresponde a uma interpolação posterior à composição da peça.

Primeiro Estásimo

Coro

Vieste, estrangeiro, a este país (estrofe A)
de corcéis esplêndidos, melhor estância
da terra, a alva Colono, 670
que o rouxinol harmonioso
sobretudo freqüenta,
gorjeando sob verdes vales,
habitando a hera cor de vinho
e a fronde intangível 675
de frutos infindos do deus,¹⁶
sem sol, sem o vento de todas as procelas.
Aqui, o bacante Dioniso
sempre entra, acompanhado
de suas deusas nutrizes. 680

Florescem sob o célico orvalho,
diariamente, o narciso,
belos cachos – primeva coroa
das duas deusas¹⁷ –
e o áureo açafião.
Não languescem as infatigáveis 685
fontes errantes das águas
do Cefiso, mas, diariamente,
o rio fertilizador chega
aos campos da vasta planície da terra 690
com sua água pura.
Nem o coro das Musas repele este lugar,

¹⁶ Dioniso.

¹⁷ Deméter e Perséfone.

nem Afrodite, rédeas áureas.

E há algo tal que eu não ouvi dizer que haja (estrofe B)

na terra da Ásia, nem que tenha brotado

na grande ilha de Pélops, 696

uma planta indômita, que se auto renova,

terror dos gládios inimigos.

Floresce imponente neste país: 700

a oliveira de glauco folhame, nutriz das crianças.

Nem o jovem, nem o velho

a destruirá, ao devastá-la com as mãos:

sempre vigilante, o olho de Zeus, 705

tutor dos sacros olivais, a vigia,

assim como Atena, olhos glaucos.

Mas tenho outro elogio a citar, (*antístrofe B*)

desta terra mãe 710

o mais forte: o dom do majestoso deus da terra,

o grandiosíssimo orgulho

de ter bons corcéis, bons pôneis, mar navígero.

Pois tu, filho de Crono, a impuseste

sobre este orgulho, rei Posidon,

instaurando primo nestas vias 715

o freio doma-corcéis.

E a bem remante pá, que voa

junto aos coros e, vertiginosamente,

salta, seguidora

das Nereidas Hecatompodes.¹⁸

¹⁸ Uma tradução mais literal de “*hecatompodon*” seria “de cem pés”, imagem que tem por função designar as 50 Nereidas.

Segundo Episódio

Antígona

Ó terra com muitos elogios louvada, 720
deves revelar agora tua brilhante história!

Édipo

O que há de novo, filha?

Antígona

Eis que chega aqui
Creonte, contra nós, e não sem escolta, pai.

Édipo

Caríssimos anciãos, de vós
pode se revelar a salvação final. 725

Coro

Coragem! Se eu sou velho e a força
deste país não envelheceu, ela virá!

Creonte

Nobres homens, habitantes deste país,
vejo vossos olhos tomados
por um súbito pavor diante de minha chegada: 730
não receeis nem solteis palavras de insulto.

Pois não venho com a intenção de perpetrar algo,
já que sou velho e sei que venho para uma cidade
forte, se é que há na Grécia uma poderosa.
Fui enviado, nesta idade, para persuadir 735
este homem a seguir para o solo Cadmeu –
enviado não por um, mas impelido por todos os cidadãos –

porque, pelo parentesco, me cabe
mais do que a cidade sofrer por suas penas.
Vamos, infortunado Édipo, escuta-me 740
e retorna para casa. Todo povo Cadmeu
chama-te com justiça e eu mais que eles.
[Tanto que, se não sou o mais dos homens]¹⁹
sofro sobretudo com teus males, ancião,
vendo que tu, ó desditoso, és exilado e, 745
sempre errante, prossegues, indigente, apoiado
sobre uma única servente, a qual – ai de mim –
nunca supus que se reduziria a tal penúria
a que a desgraçada está reduzida,
sempre cuidando de ti e de teu corpo 750
por mendicância, nesta idade, inexperiente
em casamento, à mercê do primeiro que vier.
Não é um opróbrio ultrajante – ai de mim –
que impus a ti, a mim e a toda raça?
Mas, como não se pode ocultar a evidência, 755
pelos deuses ancestrais, Édipo, obedece-me já
e a oculta, consentindo em ir para a cidade
e para casa de teus ancestrais. Diz um amável adeus
a esta cidade – pois é digna – mas a tua própria
deve ser venerada com mais justiça por ser tua antiga nutriz. 760

Édipo

Ó homem capaz de tudo, que trarias
sob todo discurso justo uma maquinação matreira,
porque me tentas assim e queres atar-me novamente
com laços, nos quais, preso, eu sofreria mais?

¹⁹ Houve corrupção deste verso no texto seguido por Lloyd-Jones. Por este motivo, o verso, traduzido aqui literalmente, não tem um sentido claro dentro do contexto em que está inserido.

Pois antes, quando adoecia pelos males que causei 765
e teria havido satisfação em sair do país,
não quiseste consentir na graça que eu queria,
mas, quando a irritação já estava saciada,
e era-me aprazível habitar a casa,
então te puseste a me banir e a me expulsar 770
e esse parentesco de modo algum te era caro.
E de novo, agora, quando vês que esta cidade
e o povo me acolhem benevolamente, tentas
me arrancar, dizendo suavemente termos brutos.
Que satisfação é essa: amar alguém contra sua vontade? 775
Como se alguém nada concedesse a ti,
que rogasses obter algo, nem te quisesse ajudar,
mas, quando tivesses o coração saciado do que desejas,
então concedesse, quando o favor não fosse favor!
Acaso não acharias vão esse prazer? 780
Porém, também tu me ofereces algo tal:
nas palavras, nobreza; nas ações, males.
Exporei também a eles para provar tua vileza!
Vens para me levar, não para levar para casa,
mas para me manter como vizinho, para que 785
tua cidade escape ileso dos males desta terra.
Isso não é para ti. Para ti há isso:
meu espírito vingador do país sempre há de residir aqui!
E aos meus filhos caberá obter tanto
de minha terra: apenas morrer nela! 790
Não conheço melhor que tu o destino de Tebas?
Muito, à medida que ouço das mais seguras fontes,
de Febo e do próprio Zeus que é seu pai.
E chegas aqui com tua boca falaciosa,
tendo a língua muito afiada. Com tua fala 795

ganharias mais males do que salvação.
Mas vai! Pois sei que não te convenço!
Deixa-nos viver aqui, pois não viveríamos mal,
mesmo neste estado, se tivermos satisfação.

Creonte

Quem julgas ser mais malgrado neste pleito: 800
eu, por tua conduta, ou tu, por tua própria?

Édipo

Mais me apraz se tu não conseguires
persuadir nem a mim nem a estes daqui!

Creonte

Desgraçado, nem como o tempo mostras juízo,
mas vives como um opróbrio para a velhice? 805

Édipo

Tens a língua afiada! Mas eu não conheço
homem justo que discorra bem sobre todo tema!

Creonte

São coisas distintas falar muito e oportunamente.

Édipo

Como se dissesses pouco e de modo oportuno!

Creonte

Não, por certo, ao menos para quem tem uma mente como a tua! 810

Édipo

Parte! Declararei também por eles:
não me vigies, ancorando onde devo habitar!

Creonte

Faço-lhes testemunhas, não a ti, que replicas
tais palavras aos amigos: se um dia eu te capturar...

Édipo

Quem, à força, me capturaria deles, meus aliados?

815

Creonte

É certo que, sem que eu te capture, terás pesar!

Édipo

Com que ato manténs esta ameaça?

Creonte

Há pouco, raptei uma de tuas duas filhas
e a mandei embora; a outra levarei em breve.

Édipo

Ai de mim!

Creonte

Logo lamentarás isso ainda mais!

820

Édipo

Tens minha filha?

Creonte (*apontando para Antígona*)

E também esta em breve!

Édipo

Hospedeiros, o que fareis? Acaso me traireis
e não banireis deste país o irreverente?

Coro

Sai, estrangeiro, célere! Pois não é justo
o que agora cometes nem o que antes praticaste.

825

Creonte (*aos guardas*)

A vós é chegada a hora de levá-la
a contragosto, se ela não quiser partir.

Antígona

Infeliz de mim! Para onde fugir?
Que ajuda divina ou mortal devo buscar?

Coro

O que fazes, estrangeiro?

Creonte

Não tocarei neste homem, mas nela, que me pertence!²⁰

830

Édipo

Ó reis desta terra!

Coro

Não é justo o que fazes, estrangeiro!

Creonte

É justo!

Coro

Como justo?

Creonte

²⁰ Desde que Édipo foi expulso de Tebas, Creonte tornou-se o responsável por suas filhas.

Levo os que são meus!

Édipo

Ó cidade!

(Estrofe)

Coro

O que fazes, estrangeiro? Não a soltarás? Sentirás a força de minha mão! 835

Creonte

Lutarás conta minha cidade, se me causares alguma pena!

Édipo

Eu não disse?

Coro

Rápido, tira as mãos
da menina!

Creonte

Não ordenes sobre o que não tens poder!

Coro

Ordeno que a soltes!

Creonte

E eu que sigas teu rumo!

840

Coro

Acorrei aqui, correi, correi, concidadãos!
Violência aniquila minha cidade, a minha!
Acorrei-me aqui!

Antígona

Desditosa! Estão me arrastando, ó estrangeiros!

Édipo

Onde posso te encontrar, filha?

Antígona

Levam-me à força!

845

Édipo

Estende as mãos, menina!

Antígona

Mas não consigo!

Creonte (*aos seus guardas*)

Vós não a levareis?

Édipo

Infeliz de mim! Infeliz!

Creonte

Apoiado sobre estes dois esteios²¹ não mais caminharás.

Mas, já que queres vencer tua pátria

e teus amigos, pelos quais fui enviado

para proceder assim, mesmo sendo rei, vence!

850

Pois com o tempo, eu sei, perceberás isso:

que nem agora fazes o bem a ti próprio,

nem outrora o praticaste, a despeito dos amigos

e cedendo à fúria, que eternamente te macula.

855

Coro

Detém-te aí, estrangeiro!

Creonte

²¹ Creonte se refere a Antígona e Ismene, que são os “apoios” de Édipo.

Aviso: não me toques!

Coro

Não te deixarei ir enquanto eu estiver sem elas!

Creonte

Então logo imporás à cidade um resgate maior,
pois não me contentarei só com estas duas!

Coro

Mas a quê recorrerás?

Creonte

Vou prendê-lo e levá-lo!

860

Coro

Dizes coisas terríveis!

Creonte

E isso será perpetrado agora,
se o soberano desta terra não me impedir.

Édipo

Ó voz impudente! Acaso tu me tocarás?

Creonte

Ordeno que te cales!

Édipo

Que estas divindades
não me façam mudo desta imprecção,
ó perverso, que arrancaste à força
o débil olho,²² além dos olhos de outrora, e partes.

865

²² Édipo se refere a Antígona, que enxerga por ele.

Que Hélios, vidente de todas as coisas,
dentre os deuses, conceda a ti próprio e a tua raça
velhice tal qual me concedeu um dia!

870

Creonte

Vedes isso, povo desta terra?

Édipo

Vêm a mim e a ti e compreendem
que te retribuo palavras, tendo sofrido ações!

Creonte

Não contarei a fúria e levá-lo-ei à força,
mesmo estando só e sendo lento, devido à idade.

875

Édipo

Ai de mim!

(Antístrofe)

Coro

Com que audácia chegaste, estrangeiro, se julgas fazer isso!

Creonte

Julgo!

Coro

Então não mais conceberei esta como uma cidade!

Creonte

Na causa justa, até o fraco vence o forte.

880

Édipo

Escutais o que ele está dizendo?

Coro

Mas ele não fará isso!

<Que Zeus esteja comigo!>²³

Coro

Isso não é um ultraje?

Creonte

Ultraje? Mas é preciso suportar!

Coro

Todo o povo! Chefes desta terra!

Vinde céleres, vinde, pois eles

885

já estão passando para o outro lado!

Teseu

Que grito foi esse? O que se passa? Por temor de quê
me fizestes cessar a imolação ao deus equóreo,
tutelar de Colono? Dizei-me – para que eu tudo saiba –
porque avancei para cá mais rápido do que ao pé apraz.

890

Édipo

Caríssimo, reconheci tua voz!

Há pouco, este homem me fez sofrer ações terríveis!

Teseu

Que tipo de ações? Quem te causou penas? Diz!

²³ Nesse ponto da peça, há uma lacuna. Alguns autores tentaram preenchê-la de acordo com a métrica necessária e respeitando o contexto da Segunda metade do verso, constituída pela fala de Creonte. Campbell propõe “ΖΕΥΣ ΜΟΙ ΞΥΝΙΣΤΩΡ” como correção do verso e, a partir dessa hipótese, Jebb propõe “ΖΕΥΣ ΜΟΙ ΞΥΝΙΣΤΩ”, texto adotado nesta tradução.

Édipo

Creonte aqui, que tu viste, parte
após me arrancar as filhas – as duas únicas! 895

Teseu

O que falas?

Édipo

Ouviste que tipo de ações cheguei a sofrer!

Teseu

Será que ninguém de meu séquito célere irá
aos altares para incitar todo o povo,
com ou sem corcéis, a deixar o sacrifício
e apressar-se a rédeas soltas exatamente 900

para onde confluem as bifurcadas vias dos viajantes,
para que as moças não passem e eu, submetido à força,
não seja objeto de riso para este estrangeiro?
Segue célere, como ordenei! Quanto a este,
se eu sentisse uma fúria da qual ele é digno, 905
não escaparia ileso de minhas mãos.

Mas o fato é que será tratado com as leis
trazidas por ele próprio ao chegar, não com outras.
Pois jamais abandonarás este país,
antes de trazê-las aqui, diante de meus olhos, 910

já que cometeste feitos nem dignos de mim,
nem de teus pais, nem de tua terra.
Tu, que chegaste a uma cidade justa,
que nada decreta sem lei, deixas de lado
o poder desta terra, levas o que desejas 915
e te aproprias à força, precipitando-se assim.

Julgaste que minha cidade é desprovida de homens

ou povoada por servos e que eu sou símile ao nada!
Tebas, porém, não te educou para o mal –
pois não costuma criar homens injustos – 920
nem te louvaria se soubesse que saqueias
meus bens e os dos deuses, conduzindo
à força os súplices, míseras criaturas.
Eu, se tivesse adentrado teu país,
mesmo com as mais justas razões de todas, 925
sem a permissão do soberano do país –
quem quer que fosse – não arrastaria, nem conduziria ninguém,
mas saberia como entre os cidadãos deve se portar o estrangeiro.
Tu próprio envergonhas tua própria cidade,
indigna disso, e o passar do tempo 930
torna-te senil e, ao mesmo tempo, sem juízo!
Expressei antes e agora o repito:
que célere alguém conduza as meninas para cá,
se não queres ser meteco desta terra
à força e não de bom grado! Pela língua 935
digo exatamente o que está em meu juízo!

Coro

Vês aonde chegas, estrangeiro? Pareces justo pela origem,
mas, quando ages, faze-nos descobrir vilezas.

Creonte

Eu não digo que esta cidade é desprovida de homens,
filho de Egeu, nem perpetrei esse ato irrefletidamente, 940
como tu o declaras, mas por pensar que, da parte deles,
nenhum zelo seria dispensado por meus parentes,
de modo que os abrigassem a meu despeito.
Sabia que não acolheriam um homem

parricida e impuro, para quem os laços 945
nupciais se revelaram os mais sacrílegos.
Eu sei que para eles há um tal Areópago,
sábio conselho deste país, que não permite
a errantes como esses habitar a cidade.
Confiando nisso, pus as mãos sobre esta presa. 950
E eu não teria perpetrado isso, se ele não tivesse dirigido
a mim próprio e a minha raça amargas imprecações,
diante das quais, julguei digno retribuí-las, após tê-las sofrido.
[Pois para a ira não há velhice, apenas morte.
Aos que morrem nenhuma dor tange.]²⁴ 955
Por isso, procedas como desejares,
pois o isolamento torna-me fraco, ainda que eu profira
a justiça. Mas, tentarei retribuir o que perpetrarás,
mesmo estando com esta idade!

Édipo

Ó audácia despudorada! Quem julgas ultrajar 960
com isso: a mim, um ancião, ou a ti próprio?
Contra mim, expeliste de tua boca
ocídio, incesto e desgraça, coisas que eu, infeliz,
involuntariamente suportei. Assim aos deuses aprouve,
talvez enfurecidos com nossa raça no passado. 965
Pois, em mim mesmo, não poderias encontrar
qualquer censura de um erro, em punição do qual
eu cometesse tais coisas contra mim e contra os meus.
Mas, explica-me: se chegou a meu pai, pelos oráculos,
uma predição divina de que seria morto pelo filho, 970
como poderias me censurar com justiça,

²⁴ Os versos 954 –955 provavelmente não pertencem a este ponto da peça, devendo ser considerados uma interpolação. Os trecho não faz sentido nesta fala de Creonte e, por esse motivo, são suprimidos por Blaydes e por Nauck.

eu, que nem de meu pai, nem de minha mãe
tinha os germes da vida e não era então nascido?
E se, por meu turno, vindo à luz desditoso, como vim,
pelejei contra meu pai e o aniquilei, 975
inconsciente do que fazia e a quem fazia,
como poderias, com razão, criticar um involuntário?
Não te envergonhas, infausto, de me obrigar
a citar de minha mãe, que era tua irmã,
o himeneu que em breve mencionarei! 980
Pois, já que adentraste esta discussão impura, não calarei!
Gerou! Pois ela me gerou! Ai de mim! Ó males!
Estando eu inconsciente e ela inconsciente e, como minha mãe,
deu-me filhos para seu próprio opróbrio!
Mas uma coisa eu sei: voluntariamente tu difamas 985
a mim e a ela com isso! Mas eu a desposei involuntariamente
e involuntariamente discorro sobre esse assunto.
Mas discorrerei, pois não terei má fama neste himeneu
nem no ocídio de meu pai, que eternamente
lanças contra mim, censurando amargamente! 990
Responde-me apenas uma das questões que te proporei:
se agora mesmo alguém viesse aqui
para te matar – tu sendo justo – te informarias
se o assassino é teu pai ou o punirias de imediato?
Penso que, se amas a vida, punirias 995
o culpado sem observar se isso é justo.
Assim também eu adentrei tais males,
tendo os deuses por guias. De modo que, se a alma
de meu pai vivesse, julgo que ele não me contradiria.
Mas tu, já que não és justo e costumavas discorrer bem 1000
a respeito de tudo – o dizível e o indizível termo –,
me censuras diante destes por tais feitos!

E a ti convém adular Teseu cara a cara
e Atenas, dizendo como é bem governada!
Porém, ao elogiares muito, olvidas, assim, 1005
que, se alguma terra sabe venerar os deuses
com honras, nisto a supera esta, da qual tu,
desejando raptar-me, um senil súplice,
me tocas com as mãos e partes, levando as moças.
Por isso, agora, evoco essas deusas, 1010
suplico e me lanço sobre elas com rogos,
para que venham em socorro dos aliados, para que saibas
por que tipo de homem esta cidade é protegida!

Coro

O estrangeiro é profícuo, ó rei! Suas desgraças
nefandas são dignas de nosso auxílio! 1015

Teseu

Basta de palavras! Pois os raptores se apressam,
mas nós, as vítimas, ficamos parados!

Creonte

O que desejas, então, que eu, um homem imbele, faça?

Teseu

Indica a via que leva para lá e me terás como escolta 1019
para isso, não outro! Como sei, tu sozinho 1028
e despreparado não chegaste a tal
descomedimento de ousadia agora exposto, 1030
mas confiaste em algo enquanto fazias essas coisas,
o que devo examinar para não tornar esta
cidade mais fraca do que um só homem.

Vai, para que, se tens nossas meninas 1020
nesses lugares, tu próprio me mostres.
Se os que as dominam fugirem, não soframos:
outros apressar-se-ão e eles, fugindo
deste país, jamais darão graças aos deuses!
Vai na frente! Sabe que, detentor, foste detido 1025
e o destino te fez presa quando eras caçador.
Os bens obtidos por dolo e não por justiça não se conservam! 1027
Comprendes alguma dessas coisas 1034
ou agora elas te parecem estar ditas em vão?²⁵ 1035

Creonte

Ao meu ver, como tu estás aqui, nada do que dirás
será reprovável, mas, em casa, saberei o que fazer!

Teseu

Ameaça agora, mas parte! E tu, Édipo,
tranqüiliza-te em relação a ele e confia que,
se eu não perecer antes, não cessarei 1040
até te tornar senhor de tuas filhas.

Édipo

Que sejas recompensado, Teseu, por tua nobreza
e por tua justa consideração para conosco.

Segundo Estásimo

Coro

Esteja eu onde em breve *(estrofe A)*

²⁵ Lloyd-Jones opta pela inversão da ordem de alguns versos neste trecho da peça, pois, para ele, o sentido fica pouco claro, se os versos forem mantidos na ordem original.

retrocedem os inimigos 1045

e ao brônzeo clangor da guerra

se unirão nas pítias margens²⁶

ou naquelas que por tochas se aclaram,²⁷

onde nutrem as soberanas²⁸ o augusto rito 1050

aos mortais, em cujos lábios

é imposto o áureo selo²⁹

dos servidores Eumópidas.³⁰

Lá, o belígero Teseu,

julgo, também se unirá 1055

às duas viajante, virgens irmãs,

em um eficaz grito de guerra,

naqueles lugares.

Por certo irão para o Oeste

Antístrofe A

de rocha nevada,

1060

vindas dos campos de Ea,

fugindo sobre corcéis

ou em céleres carros de corrida.

Será derrotado! Terrível é dos vizinhos a guerra, 1065

terrível é dos teseidas o vigor!

Todo o freio cintila,

~com rédeas ajustadas aos corcéis~³¹

avança toda a cavalaria,

cujos homens a hípica 1070

Atenas honram

e o deus equóreo³² que cinge a terra,

²⁶ O local aqui mencionado, segundo Kamerbeek, refere-se à costa da baía de Elêuses, onde havia um templo dedicado a Apolo, ou ao estreito de Enea, também caracterizado pela construção de um santuário ao deus.

²⁷ O ritual celebrado em Elêuses ocorria sob a luz de tochas.

²⁸ As deusas aqui mencionadas são Deméter e Core, em honra das quais eram realizados os rituais em Elêusis.

²⁹ Os iniciados em tais ritos deveriam guardar silêncio sobre tudo o que era realizado durante as celebrações.

³⁰ Os Eumópidas eram os sacerdotes responsáveis pela celebração dos ritos em honra a Deméter.

rebenito caro de Rhea.

Agem ou estão quase? *(Estrofe B)*
Adverte-me um pensar 1075
de que em breve recuará
a dor das que terrores suportaram
e terrores por obra de parentes descobriram.
Fará! Hoje Zeus fará algo!
Pressagio nobres combates! 1080
Ah, se eu fosse um pombo impetuoso e veloz
como a procela, achasse uma etérea nuvem
e acima dos combates meus olhos elevasse! 1084

Onipotente dentre os deuses *(antístrofe B)*
Zeus onividente, consente
aos guardiões desta terra,
por meio de poder triunfante,
cumprir com êxito a emboscada.
Também o consinta tua augusta filha, Palas Atena! 1090
Desejo que o caçador Apolo
e sua irmã, que acoisa a corsa
de ágeis pés e salpicada pele, venham
como duplo socorro a esta terra e aos cidadãos. 1095

Terceiro Episódio

Estrangeiro, não dirás que este observador
é um falso profeta, pois avisto as moças
sendo novamente escoltadas para cá.

³¹ O trecho entre cruzeiros sofreu corrupção no original.

³² Posidon.

Édipo

Onde, onde? O que falas? O que disseste?

Antígona

Ó pai, pai,

que deus poderia consentir que visses este homem
excelente que te nos trouxe de volta para cá?

1100

Édipo

Ó filha, vós duas estais aqui?

Antígona

É que estas mãos de Teseu

e de seus caríssimos servidores nos salvaram!

Édipo

Vinde ao pai, ó filha, e consenti que eu enlace
teu corpo que eu não mais esperava encontrar.

1105

Antígona

Terás o que pede, pois o favor é conforme o desejo!

Édipo

Onde estais vós duas?

Antígona

Aproximamo-nos unidas!

Édipo

Ó prole caríssima!

Antígona

Ao genitor toda prole é cara!

Édipo

Ó esteios de um homem...

Antígona

Desgraçados esteios de um desgraçado!

Édipo

Tenho os mais caros esteios e, quando eu morrer, 1110
não posso ser de todo mísero, se vós duas estiverdes comigo.

Filha, sustentai meus dois flancos,
apoiar vosso pai e ponde fim
à solidão de antes deste errante desditoso!

E narra-me do modo mais breve o que ocorreu, 1115
pois às jovens convém um discurso curto.

Antígona

Eis meu salvador! Deves ouvir dele, pai,
autor do feito. Assim, meu discurso será breve.

Édipo

Estrangeiro, não te espantes se insistentemente prolongo 1120
o discurso com minhas filhas, que inesperadas surgiram.

Sei que essa alegria em relação a elas
foi-me revelada por ti e ninguém mais,
pois tu as salvaste e não outro mortal.

Que os deuses te concedam o que eu desejo,
a ti e também a esta terra, já que somente 1125
de vossa parte dentre os homens encontrei
piedade, moderação e não mentira.

Ciente disso, retribuo-te estas palavras,
pois tenho o que tenho graças a ti e não a outro mortal.

Estende-me a destra, ó rei, para que eu 1130
a toque e, se for lícito, beije tua face.

Mas o que digo? Como eu, que me tornei mísero,
poderia desejar que toques um homem
no qual toda mácula dos males se impregna?
Não, eu não te permitirei! Pois só com os mortais 1135
que já as conhecem posso partilhar essas dores!
Recebe daí mesmo minha saudação e, no futuro,
preocupa-te comigo com justiça, como neste dia.

Teseu

Não me espantei se prolongaste mais teu discurso
por alegrar-se com tuas filhas 1140
nem se às minhas preferistes as palavras delas.
Nada disso tem importância para nós,
pois nos ocupamos em tornar a vida ilustre
mais com feitos do que com discursos.
E provo: daquilo que jurei não te enganei 1145
em nada, ancião, pois aqui estou
e trago-as a salvo, intangidas pelas ameaças.
E porque devo me vangloriar em vão sobre a vitória da contenda,
se tu próprio o saberá delas duas, quando estiveres com elas?
Mas dá teu conselho sobre um assunto 1150
que há pouco chegou a mim quando eu vinha para cá,
pois ele é breve no narrar, mas é digno de espanto.
Um homem não deve menosprezar um fato!

Édipo

O que é, filho de Egeu? Declara-me,
Pois eu mesmo nada sei sobre o que indagas. 1155

Teseu

Afirmam que um homem, que não é teu concidadão,

mas teu parente, por alguma razão
prostrou-se como súplice no altar de Posidon,
ante o qual eu estava sacrificando quando vim.

Édipo

De que país ele é? O que quer com o estado de súplice? 1160

Teseu

Sei apenas uma coisa: segundo dizem,
pede um breve e não muito grave diálogo contigo.

Édipo

Sobre o quê? Pois este estado não é para poucas palavras!

Teseu

Afirmam que só pede para conversar contigo
e para tornar a salvo à rota que aqui o trouxe. 1165

Édipo

Quem seria o homem que se assentou nesta súplica?

Teseu

Examina se em Argos há algum parente
vosso que desejaria obter isso de ti.

Édipo

Ó caríssimo, pára onde estás!

Teseu

O que há contigo?

Édipo

Não exijas de mim...

Teseu

Que tipo de coisa? Diz!

1170

Édipo

Ouvindo isso, sei quem é o homem que se prostrou.

Teseu

Quem é então que eu devo censurar em algo?

Édipo

É o meu filho odioso, rei, cujas palavras com mais dor eu suportaria ouvir do que as dos outros homens.

Teseu

O quê? Não podes ouvi-lo sem fazer o que não queres?
Que desgosto há para ti em escutá-lo?

1175

Édipo

Como essa voz chega hostilíssima a seu pai, ó rei!
Não me lances à obrigação de ceder nisso.

Teseu

Mas analisa se o estado de súplice te obriga
e se o respeito pelo deus não deve ser conservado por ti.

1180

Antígona

Pai, obedece-me, embora eu seja jovem para aconselhar.
Permite que este homem agrade o próprio espírito
e o deus com o que almeja e consente
a nós duas que se aproxime nosso irmão.

Confia, pois o que for dito contra teu interesse, 1185
não te desviará de teu propósito.

Que dano há em ouvir suas palavras?

Ações descobertas como más são reveladas pela palavra.

Tu o geraste, de modo que, nem se ele cometer
contra ti os mais ímpios dentre os piores males, pai, 1190
te é lícito retribuir-lhe males.

Contrista-te por ele! Para outros também há
prole ruim e fúria penetrante, mas, advertidos,
são encantados em seu comportamento pelo encanto dos amigos.

Analisa aqueles pesares paternos e 1195
maternos que padeceste, não os de agora,
e se os examinares bem – eu sei – reconhecerás
como é mal o resultado de uma fúria má.

Possuis razões em nada fracas:

Foste privado de teus cegos olhos. 1200

Cede aos nossos rogos! Pois aos que buscam
justiça não convém insistir, nem ao que o bem
prova, prová-lo e não saber retribuí-lo.

Édipo

Filha, falaste e tiveste sobre mim vitória
de pesado prazer. Que seja então como vos é caro! 1205
Só que, estrangeiro, se ele vier aqui,
que ninguém jamais se apodere de meu ser.

Teseu

Uma e não duas vezes desejo ouvir tais coisas,
ancião. Não quero me vangloriar, mas sabe
que estás a salvo se um deus me mantiver a salvo. 1210

Terceiro Estásimo

Coro

Quem a um maior quinhão
de vida aspira e deixa passar
a medida, ao meu ver, será
manifestamente estulto.

(Estrofe)

Posto que os longos dias
muitas provas imputam,
que mais ao pesar se avizinham,
não verias onde está o prazer
quando se vai além do que convém.

1215

O redentor a todos traz símile fim,
quando o domínio do Hades se revela
sem hinos, sem liras, sem dança:
a morte como fim.

1220

Não ser nascido prevalece a todo argumento.

(Antístrofe)

Mas, posto que se vem à luz,
tornar célere para lá, de onde
se veio, é o melhor a fazer.

1225

Quando passa a juventude,
portadora de brando desatino,
que golpe de cruizas sem fim se exclui?

1230

Que suplício não se inclui?

Ocídios, facções, prélio, pelejas

e inveja. E, por fim, sobrevém

1235

a desprezada, incapaz, inabordável

senectude privada de amigos,

onde todos os males dos males coabitam.

Eis o infeliz! Nisto não estou só!
Como um promontório ao norte voltado, 1240
fustigado de todos os lados por vagas tempestuosas,
assim também o fustigam até o topo
terríveis dores, sempre presentes,
que como vagas se partem,
umas vindas do local do ocaso, 1245
outras de onde o sol nasce,
outras do raio meridiano
e outras dos noctíferos Ripeus.³³

Quarto episódio

Antígona

Mas eis, como parece, nosso estrangeiro!
Caminha para cá privado de homens, ó pai, 1250
e verte pelos olhos copiosas lágrimas.

Édipo

Quem é ele?

Antígona

Quem já antes supúnhamos
que fosse. Eis Polinices aqui presente!

Polinices

Ai de mim! O que fazer? Chorar antes
meus próprios males, meninas, ou deste velho pai, 1255
que contemplo? Eu o encontrei com vós duas,
aqui exilado sobre terras estrangeiras,
com tais trapos, cuja imundície abominável

³³ Montes situados no norte da Scythia.

e velha ao velho está impregnada
e lhe consome os flancos. Na cabeça sem olhos, 1260
a coma agita-se desgrenhada através do vento.
Símile a isso, como parece, é o alimento
que traz para o triste estômago.
Maldito que sou! Tarde demais conheço isso!
E testemunho que, quanto a teu sustento, 1265
sou o pior dos homens! Não por outro deves saber isso!
Mas, junto ao trono de Zeus também se assenta
a Piedade por todos os feitos. Pai,
que ela esteja contigo! Pois, para as faltas
há remédio e não há mais como piorá-las. 1270
Por que te calas?
Profere algo, ó pai! Não me vires as costas!
Não me respondes? Então mudo me desonras,
me despedes e nem declaras por que te ressentes?
Ó prole deste homem, minhas irmãs, 1275
tentai ao menos vós mover do pai
os intratáveis lábios que não se pronunciam,
para que assim desonrado, súplice do deus,
ele não me dispense sem retribuir palavras.

Antígona

Diz tu próprio, ó infausto, aquilo por que vieste. 1280
Pois muitas palavras, aprazíveis em algo,
irritantes ou que causam piedade, provém
de algum modo, alguma fala aos afônicos.

Polinices

Então direi! Pois me advertiste bem!
Primeiro tomo por socorro o próprio deus, 1285

de cujo altar me ergueu o governante
desta terra para que eu viesse aqui,
concedendo-me falar, ouvir e sair em segurança.
Essas coisas, estrangeiros, de vós, destas duas irmãs
e de meu pai almejo obter em meu favor. 1290
Agora quero falar por que vim, pai:
da terra pátria ao exílio fui banido
porque, soberano, reivindiquei ocupar
teu trono, sendo eu nascido primogênito.
Diante disso, Eteocles, embora mais jovem, 1295
expulsou-me da terra, sem me superar em razão,
sem ir à prova de força e de feitos,
mas por persuadir a cidade. Eu afirmo
que a tua Erínia é a causa principal disso.
[E depois também de augures escuto assim.]³⁴ 1300
Quando fui para a dórica Argos,
tomei por sogro Adrasto e, por juramento,
aliaram-se a mim os homens da terra de Ápis,
primeiros em renome e honrados em combate,
para, após reunir com eles uma armada 1305
de sete chefes contra Tebas, ou morrer por justa causa,
ou desterrar os que perpetraram esses atos.
Pois bem! por que então agora chego?
Porto eu próprio, pai, súplices rogos
de mim mesmo e de meus aliados, 1310
que agora com sete tropas e com sete gládios
toda a planície de Tebas cercam.
São eles: Anfiarau, célere lança, primeiro
no combate, primeiro na via dos auspícios.
Em segundo, o filho de Eneu, o etólio Tideu. 1315

³⁴ Para Lloyd-Jones, Campbell e Reeve, esse verso é uma interpolação posterior à composição da peça.

Em terceiro, Etéoclo, de origem argiva.
Em quarto, Hipómedon. Enviou-o o pai Talau.
O quinto, Campaneu, gaba-se de que célere
deporá em ruínas a cidade de Tebas.

Em sexto avança o árcade Partenopeu, 1320
cujo nome vem da mãe, virgem de outrora,
gerado após longo tempo, filho fiel de Atalante.
E eu, teu filho, se não teu, de teu funesto
destino nascido, teu filho chamado,
conduzo o destemido exército de Argos para Tebas. 1325
Por estas tuas duas filhas e por tua vida, pai,
imploramos todos juntos e pedimos
que cedas na árdua ira contra mim,
que, por vingança, me atiro contra meu irmão,
que me despojou e me baniu da pátria. 1330
Pois, se o que vem dos oráculos é confiável,
Eles alegam que há vitória para aquele a que te unires.
Pelas fontes e pelos deuses de nossa raça,
peço que confies e cedas, pois tanto nós somos mendicantes
e estrangeiros como tu também és estrangeiro. 1335
Vivemos cortejando os outros,
tu e eu, a mesma sorte partilhando.
E o rei, em casa – infausto que sou! –
se envaidece e se ri de nós em comum!
Se tu protegeres o meu propósito, 1340
com brando esforço e fadiga o destruirei,
de modo que te levarei e te instalarei em tua casa
e me instalarei, após expulsá-lo com violência,
se tu desejares isso comigo, posso me vangloriar,
mas, sem tu, não consigo manter a vida. 1345

Coro

Por aquele que o enviou, Édipo, pronuncia
coisas úteis antes de enviar de volta o homem!

Édipo

Guardiões deste país, se, por acaso,
Teseu não mo tivesse aqui enviado,
por achar justo que ele ouça minhas palavras, 1350
jamais ele perceberia a minha voz!

Na realidade, partirá satisfeito após ouvir de mim
fatos que jamais lhe agradarão a vida!

Ó maldito, que, quando possuías o cetro e o trono,
que agora teu irmão possui em Tebas, 1355

baniste tu próprio teu próprio pai e lhe impuseste
condição de apátrida e de portador destes trapos,
cuja contemplação te causa pranto, quando te encontras
na mesma aflição de males que a minha!

Não há por que chorar, mas devo suportar isso 1360
enquanto eu viver, lembrando-me de ti como meu carrasco.

Pois tu me impuseste uma vida de penúria,
tu me expulsaste e, por tua causa, vago e
suplico aos outros o sustento diário.

E se eu não tivesse gerado estas filhas para me nutrirem, 1365
por certo, no que concerne a ti, eu não existiria.

Mas o fato é que elas me protegem, elas são minhas nutrizes,
elas são homens, não mulheres, no sofrer.

Mas vós fostes gerados por outro e não por mim!

Portanto, o deus te contempla não tanto agora 1370
como em breve, se, de fato, estas tropas
se movem contra Tebas. Não há como abater
aquela cidade, mas, antes, maculado pelo sangue,

tombarás, assim como teu irmão.

Tais imprecações outrora eu lancei contra vós 1375
e agora as invoco como aliadas para virem a mim,
para que julgueis digno venerar os genitores
e para que não me desonreis, se por um cego pai
fostes gerados. Pois estas meninas não faziam isso!

As imprecações superam, portanto, tua súplica 1380
e teu trono se, de fato, a antiga Justiça
se assenta junto das primevas leis de Zeus.

E tu parte desprezado por mim e privado de teu pai,
ó pior dentre os malditos, e ajunta estas imprecações
que invoco contra ti: que nem domines com o gládio 1385
tua terra natal, nem regreses um dia
para a côncava Argos, mas que pela mão de um parente
pereças e mates aquele por quem foste banido.

Impreco coisas tais e invoco do Tártaro
a odiosa sombra paterna para que te leve, 1390
invoco estas deusas, invoco Ates,
que entre vós arrojou terrível fúria!

Parte, após ouvir essas coisas, e, quando fores,
anuncia a todos os Cadmeus e também
aos teus fiéis aliados que Édipo 1395
partilha tal dádiva entre seus filhos.

Coro

Polinices, não te felicito por teus trajetos passados.
Agora, célere, segue de volta!

Polinices

Ai de mim! Viagem fracassada!
Ai de mim! Meus sócios! Então nos lançamos de Argos – 1400

infausto que sou! – para tal desfecho do trajeto,
tal que não devo declarar a nenhum
dos meus sócios, nem fazê-los de novo recuar,
mas, tácito, devo encontrar meu destino.

Ó filhas deles! Irmãs! Já que vós ouvistes 1405

estas brutalidades que meu pai imprecou,
pelos deuses, não exponhais à desonra,
se as imprecações de meu pai se cumprirem
e para vós algum regresso para casa houver.

Concedei-me sepulcro e honras fúnebres. 1410

E o louvor que recebeis pelo trabalho
prestado a este homem, não será inferior ao outro,
vindo do auxílio a mim prestado.

Antígona

Polinices, rogo que me obedeças em uma coisa!

Polinices

Que coisa, ó caríssima Antígona? Diz! 1415

Antígona

Célere conduz de volta a armada para Argos
e não aniquiles a ti próprio e a cidade.

Polinices

Impossível! Pois como, por ter temido uma vez,
eu poderia de novo reconduzir a mesma armada?

Antígona

Por que, ó menino, deves te irritar outra vez? 1420

Que ganho tens ao devastares a pátria?

Polinices

Opróbrio é fugir – sendo eu o primogênito –
e ser, assim, objeto de riso para meu irmão.

Antígona

Vês como para exato termo levais os oráculos dele,
que vossa mútua morte proclamam? 1425

Polinices

É que ele deseja isso! Não devemos ceder!

Antígona

Ai de mim, infeliz! Mas quem ousará te seguir,
quando ouvir aquilo que previu este homem?

Polinices

Não anunciarei adversidades, pois ao bom general
cabe dizer coisas úteis e não insuficientes. 1430

Antígona

Então, menino, para ti isto está decidido assim?

Polinices

E não me detenhas! Este caminho
desditoso e funesto dirá respeito a mim
por causa de meu pai e de sua Erínia.
Que Zeus vos conceda o bem, se me cumprirdes essas coisas 1435
[quando eu morrer, pois comigo vivo de novo não estareis.]³⁵

³⁵ Lloyd-Jones suprime esse verso por acreditar que se trata de uma interpolação posterior à composição da peça. O termo “*táde*” constante no verso 1435 refere-se às honras fúnebres anteriormente mencionadas; assim, seria redundante afirmar que tal favor deve ser concedido somente após a morte de Polinices.

Deixai-me agora! Adeus, pois jamais me vereis vivo de novo!

Antígona

Ai, infeliz de mim!

Polinices

Não te lamentes por mim!

Antígona

E quem não choraria por ti,
que te lanças no já evidente Hades, irmão?

1440

Polinices

Se for preciso, morrerei!

Antígona

Não! Mas deixa-te persuadir por mim!

Polinices

Não me persuadas do que não é necessário!

Antígona

Então serei muito infeliz,
se eu for privada de ti!

Polinices

Isso caberá à divindade:
ser de um modo ou de outro. Por vós, aos deuses
eu imploro que nunca encontreis males,
pois, aos olhos de todos, sois indignas de sofrer.

1445

Quinto Episódio

Coro

Estes novos fatos de novas fontes vêm a mim,
novos e pesarosos males vindos do cego estrangeiro,

(Estrofe A)

se não é o destino que atinge seu alvo. 1450

Pois das divindades nenhum
decreto posso afirmar se vão!

Cronos contempla, contempla tudo
eternamente, derrubando uns e,
no outro dia, alçando-os de volta ao topo. 1455

O éter tonitroava, ó Zeus!

Édipo

Filhas, filhas, se há alguém aqui, como
ele poderia trazer para cá o excelentíssimo Teseu?

Antígona

Pai, qual é a intenção pela qual o chamas?

Édipo

Este trovão alado de Zeus em breve me 1460
conduzirá ao Hades! Célere enviai alguém!

Coro

Olhai profundamente! Abate-se este grande (Antísfrofe A)
e indizível troar por Zeus lançado!

Forte pavor insinua-se até a ponta dos cabelos! 1465

A alma desfalece! Um relâmpago
de novo inflama o céu.

O quê? Atirárá um raio?

Temo isto, pois nunca o lança
em vão, nem sem uma desgraça, 1470

ó grande Éter, ó Zeus!

Édipo

Ó filhas, a mim chega o fim da vida predito
pelos deuses e não há mais retorno.

Antígona

Como sabes? Concluíste isto com base em quê?

Édipo

Bem o sei! Mas que alguém célere 1475
vá e traga o rei deste país!

Coro

Ai, ai! de novo olhai profundamente! *(Estrofe B)*
Penetrante estrondo nos envolve!
Sê propício, deus, sê propício, se 1480
à terra mãe algo sombrio trazes!
Que eu te encontre justo
e que eu não partilhe um dia da graça nefanda
por ter olhado para o homem maldito!
Ó Zeus, a ti me dirijo! 1485

Édipo

O homem está próximo? Alcançar-me-á vivo,
filhas, e senhor de minha mente?

Antígona

Que confiança desejas fixar em sua mente?

Édipo

Em troca do que passei, desejo conceder-lhe
bom termo da graça que, ao obter, prometi. 1490

Coro

Ai, ai! menino! Vem, vem!

~Se no ponto extremo~ do vale ao equóreo

deus Posidon no altar consagras

um sacrifício de bois, avança!

1495

Pois o estrangeiro a ti, à cidade

e aos aliados deseja

ofertar justa graça após ter recebido.

Apressa-te! Investe, ó rei!

Teseu

Dentre vós, que comum celeuma ecoa,

1500

claro de vossa parte, e nítido da parte do estrangeiro?

Não será por causa de um raio de Zeus ou de uma tormenta

de granizo que se lança? Pois do deus tempestuoso

todo esse tipo de coisa se espera!

Édipo

Rei, apareceste conforme meu desejo e um deus

1505

causou a boa fortuna desta tua vinda!

Teseu

O que há de novo, filho de Laio?

Édipo

É o instante fatal da minha vida! Então desejo morrer

sem falhar contigo e com a cidade no que prometi.

Teseu

Em que prova do destino te apóias?

1510

Édipo

Os deuses, seus próprios arautos, anunciam-me
sem falhar em nenhum dos sinais pré-fixados.

Teseu

E dizes que isso se mostra de que modo?

Édipo

Contínuos trovões de Zeus e numerosos raios,
atirados pela mão invencível. 1515

Teseu

Tu me convences, pois vejo que vaticinas muitos fatos
e não falsos augúrios. Diz o que devo fazer!

Édipo

Eu ensinarei, filho de Egeu, o que para ti
e para esta cidade permanecerá sem a dor da velhice.
Eu próprio, intocado por um guia, 1520
guiar-te-ei em breve ao local onde devo morrer.

Jamais o declares a nenhum homem,
nem onde se oculta, nem a região em que se situa,
para que, melhor do que muitas égides e gládios
estrangeiros, eu, sempre próximo, seja tua defesa. 1525

O que é interdito e a palavra não muda
tu próprio saberás quando, só, fores para lá,
pois eu não poderia dizer a nenhum destes cidadãos,
nem as minhas filhas, embora as ame.

Guarda-o tu próprio sempre e, quando ao termo 1530
da vida chegares, só a teu primogênito revela
e que ele indique a seu sucessor e assim seja para sempre.

Assim ocuparás esta cidade livre da ruína
por parte dos homens semeados.³⁶ Miríades de cidades,
mesmo se alguém as governa bem, facilmente caem em excessos. 1535

Os deuses, tempos depois, bem vêm quando alguém
deixa passar o que é divino e se volta para a insânia.

Tu, filho de Egeu, não queiras passar por isso.
Mas ensino coisas tais a ti que já as compreendes!

Dirijamo-nos agora ao lugar sem mais hesitar, 1540
pois me impele o conselho do deus!

Filhas, vinde aqui, pois é minha vez de me tornar
vosso estranho guia, como o foste a vosso pai.

Aproximai-vos e não me tocai. Deixai que eu
próprio encontre a sacra tumba, onde 1545
é meu destino ser sepultado nesta terra.

Por aqui, caminhai por aqui, pois por aqui me leva
Hermes, o mensageiro, e a ífera deusa.³⁷

Ó luz desluzida, outrora foste minha,
agora, pela vez derradeira tocas meu corpo. 1550

Pois já parto para o termo da vida
para me ocultar no Hades. Mas, caríssimo hospedeiro,
que tu próprio, teu país e teus seguidores
vos torneis venturosos e que vós, sob o sucesso,
sempre felizes, vos recordeis de mim, morto. 1555

Quarto Estásimo

Coro

Se me é lícito à deusa invisível³⁸

(Estrofe)

³⁶ No local onde posteriormente seria fundada a cidade de Tebas, Cadmo semeou os dentes do dragão que matara. Surgiram então os Espartos, “homens semeados”, que, ao nascerem completamente armados, lutaram entre si. Apenas cinco sobreviveram e foram admitidos por Cadmo em sua cidade.

³⁷ Perséfone, esposa de Hades.

e a ti venerar com rogos,
rei das trevas, Aidoneu,
Aidoneu, rogo que 1560
sem dor e sem destino de pesar
o estrangeiro desça
ao plano dos mortos, que tudo oculta,
e à morada de Estige.³⁹
Sem razão a muitas 1565
penas chegou e
um deus justo de novo pode elevá-lo!

Ó deusas infernais⁴⁰ e corpo invicto (Antístrofe)
da fera,⁴¹ que diante das portas
por muitos hóspedes transpostas repousas 1570
e ladras para além do antro,
indômito guardião do Hades,
como sempre se diz!
A ti, prole⁴² da Terra e do Tártaro, suplico
que caminhe livre
o estrangeiro que se lança 1575
ao ínfero plano dos mortos.

Êxodo

Mensageiro

Cidadãos, em pouquíssimas palavras
posso afirmar que Édipo está morto.

³⁸ Idem à nota 53.

³⁹ Personificação de um rio situado no Hades. Segundo a mitologia grega, é o rio em que Tétis submergiu Aquiles para torná-lo invulnerável.

⁴⁰ Erínias.

⁴¹ Cérbero, criatura encarregada de guardar o Hades, impedindo que os mortos de lá saíssem e que os vivos lá entrassem. Em certa versão do mito, é dotado de três cabeças caninas e uma grande cauda de serpente.

Mas uma narração não pode relatar com brevidade 1580
o que se passou, nem assim foram os fatos que lá se deram.

Coro

Morreu o desditoso?

Mensageiro

Sabe que
ele deixou para sempre a vida.

Coro

Como? Será que foi por sorte divina e sem pena para o infeliz? 1585

Mensageiro

Isso já é digno de se admirar!

Pois partiu daqui – tu que estavas presente
sabes – sem nenhum guia dentre os amigos,
mas ele próprio guiou todos nós.

E quando chegou ao íngreme umbral, 1590
junto aos êneos degraus em terra enraizados,
ficou diante de uma das rotas ramificadas,
próximo à côncava cratera, onde de Teseu
e Piritoo permanece eterno o fiel pacto.⁴³

Quando estava entre esta, a torícia rocha 1595
a pereira oca e o pétreo sepulcro,
sentou-se. Depois despiu os trapos imundos.

A seguir, chamou as duas filhas e ordenou que
portassem lustrações e libações de água corrente.

As duas foram à visível colina 1600
da verdejante Deméter e trouxeram os pedidos

⁴² Thanatos, personificação da morte.

⁴³ Trata-se do pacto de amizade que Teseu e Piritoo selaram antes de descerem ao Hades para raptar Perséfone.

do pai após pouco tempo; lustração e vestes,
as quais é costume, propiciaram-lhe.

Quando tinha total satisfação pelas coisas preparadas
e não havia falta de nada do que desejava, 1605
troou Zeus infernal e as moças
estremeceram ao escutarem. Aos joelhos
do pai quedadas, não aliviaram o pranto,
os golpes no peito e os longos lamentos.

E ele, como ouve as vozes agudas, súbito, 1610
enlaçou-as com as mãos e disse: “Filhas,
para vós, a partir de hoje, não há mais pai.
Morreu tudo o que a mim concerne e não mais
buscareis por mim o penoso sustento.

Árdua tarefa, sei, filhas, mas uma só 1615
palavra desfaz todo esse tormento:
pois de outro não recebereis amor maior
do que tivestes deste homem, privadas do qual
devereis passar agora o resto de nossas vidas.”

Abraçados uns aos outros, todos em soluços 1620
pranteavam por tais coisas. Quando o termo
dos lamentos se deu e já nenhum grito se erguia,
havia silêncio e, súbito, a voz de alguém
gritou por ele, de modo que todos, de imediato,
ficaram com os cabelos hirtos de pavor. 1625

O deus o chama muito, de muitos modos:
“Ei, ei, Édipo, por que tardamos
em partir? Há muito adias isso!”

Ele, como compreendeu que era evocado pelo deus,
chama para vir até ele o rei do país, Teseu. 1630

E quando este se aproximou, disse:
“Ó caro, concede às filhas, por mim, o antigo penhor

de tua mão, e vós, filhas, a ele. E promete jamais
abandoná-las voluntariamente e cumprir
o quanto julgares bom, ajudando sempre.” 1635

E ele, como um homem nobre, não sem lamentos
prometeu fazer isso, legado por juramento ao estrangeiro.
Depois que fez isso, de imediato, Édipo,
após tocar com cegas mãos suas filhas, diz:
“Ó filhas, é preciso ~manter a nobreza, suportar~⁴⁴ 1640
e sair deste lugar sem pretender ver
e sem ouvir o que aos mortais não é lícito.
Parti célere! Que apenas o soberano Teseu
esteja presente para saber o que será feito!”
Todos nós o ouvimos proferir tais coisas. 1645
Copiosamente gememos junto com as moças
E as seguimos. Quando nos afastamos,
após breve tempo nos voltamos e vimos ao longe
que o homem não mais estava presente
e que o rei estava sozinho, ocultando os olhos 1650
com as mãos diante da face, como perante algo terrível
e apavorante que surge, insuportável de se contemplar.
A seguir, pouco depois, sem palavras
o vimos prosternando-se para a terra e juntamente
para o divino Olimpo naquele mesmo instante. 1655
Por que tipo de óbito ele morreu nenhum
dos mortais poderia declarar, exceto Teseu.
Pois um ignífero raio do deus
o fez sumir nem a equórea procéla
que se movia naquele instante, 1660
mas ou um mensageiro vindo dos deuses ou o ínfero
e obscuro pedestal benevolente da terra que se abre.

⁴⁴ O trecho entre cruces sofreu corrupção.

Pois o homem partiu sem gemidos, sem dores
de moléstias, acima de qualquer morte,
maravilhosamente. Se pareço ser insensato ao falar, 1665
não gostaria de convencer aqueles a quem pareço insensato.

Coro

Onde estão as meninas e os amigos que as seguiram?

Mensageiro

Não estão longe, pois sons de soluço em nada
indistintos indicam que avançam para cá.

Antígona

(Estrofe A)

Ai, ai! Resta-nos 1670
nada além de chorar – desgraçadas –
o inolvidável sangue herdado do pai,
pelo qual outrora
muitas penas sucessivas tivemos
e, no fim, traremos histórias ilógicas, 1675
a que assistimos e experimentamos.

Coro

O que é?

Antígona

Pode-se imaginar, amigos!

Coro

Ele se foi?

Antígona

Do modo que tu mais desejaras ir.
É certo! Dele nem Ares

nem o mar se apoderou, 1680
mas as invisíveis planícies o arrebataram
e por sombria morte foi levado.

Ai! Noite funesta

aos nossos olhos sobreveio!

Pois como, sobre alguma terra 1685

distante ou sobre equóreas

vagas a errar, manteremos

o árduo sustento da vida?

Ismene

Não sei! Que o sanguinário

Hades me subjugue para morrer 1690

junto de meu velho pai –

infeliz! – pois, para mim,

a vida que virá não é viável.

Coro

Ó duas excelentes filhas,

suportai bem o que vem dos deuses

e não vos inflameis em excesso. 1695

Não chegastes a nada censurável!

Antígona

Há também alguma saudade dos males,

(Antístrofe A)

pois, o que de algum modo é caro, era caro

quando eu o enlaçava com ambas mãos.

Ó pai! Ó amigo! 1700

Ó tu, para sempre encoberto pelas trevas da terra!

Nem lá deixareis de ser amado

jamais por mim e por ela!

Coro

Ele alcançou...

Antígona

Alcançou o que queria!

Coro

E o que era?

Antígona

Morrer na terra estrangeira 1705
em que desejava. Ocupa ínfero
leito em eterna proteção
e não deixou pesar sem pranto.
Pois estes lacrimedjantes olhos, pai,
por ti choram e não sei 1710
como posso – infeliz! –
sufocar esta dor que sinto por ti.
Ai de mim! Em terras
estrangeiras desejava morrer, mas
morreste assim, de mim privado!

Ismene

Ó infeliz! Que destino então 1715
espera a mim e a ti, ó amiga,
assim desprovidas de pai?

.....
.....⁴⁵
.....

Coro

⁴⁵ Há uma lacuna de dois versos neste ponto da peça, o que pode ser percebido devido à falta de correspondência métrica com a estrofe A.

Já que o termo da vida se desenlaçou 1720
de forma venturosa, ó amigas,
cessai esta dor, pois aos males
ninguém está imune!

Antígona

De volta nos apressemos, ó amiga!

Ismene

Para fazer o quê?

1725

Antígona

Um desejo me toma...

Ismene

Qual é?

Antígona

Contemplar a morada subterrânea.

Ismene

De quem?

Antígona

De nosso pai. Infeliz de mim!

Ismene

Mas como isso nos pode ser lícito?

Não vês?

Antígona

Em que censuras este ato?

1730

Ismene

É que também...

Antígona

O que dirás ainda?

Ismene

Morreu insepulto e afastado de todos.

Antígona

Leva-me para lá e mata-me então!

Ismene

.....

Antígona

.....⁴⁶

Ismene

Ai, ai! Infeliz de mim!

Como sozinha e sem recursos assim

1735

levarei minha vida infausta?

Coro

Amigas, em nada temeis!

(Antístrofe B)

Antígona

Mas para onde fugir?

Coro

Vós já escapastes...

Antígona

De quê?

⁴⁶ Novamente, aqui há outra lacuna.

Coro

De que vosso destino desabe miseravelmente.

1740

Antígona

Penso...

Coro

O que cogitas?

Antígona

Não sei como iremos
para casa.

Coro

Nem procures!

Antígona

A aflição me toma!

Coro

Também antes te tomava!

Antígona

Antes era difícil, mas agora é ainda mais!

1745

Coro

Obtiveste um grande abismo!

Antígona

Sim, sim!

Coro

Eu mesmo também concordo.

Antígona

Ai, ai! para onde ir,
ó Zeus? Para qual esperança ainda
me conduz agora a divindade?

Teseu

Cessai o lamento, meninas, pois nos casos em que
a noite subterrânea é reservada como graça
não deveis sofrer; é injusto.

Antígona

Ó filho de Egeu, prostramo-nos diante de ti!

Teseu

Para obter que favor, ó meninas?

1755

Antígona

Desejamos contemplar
por nós mesmas o sepulcro de nosso pai.

Teseu

Mas não é lícito ir até lá!

Antígona

Como dizes, rei, soberano de Atenas?

Teseu

Ó meninas, ele me ordenou que
nenhum mortal se aproxime
desta região e nem invoque
o sacro túmulo que ele ocupa.

1760

E disse que se eu fizer isso,
O país estará sempre livre de funestos pesares. 1765
A divindade ouviu então nossos dizeres
e também Horco, que tudo percebe, servo de Zeus.

Antígona

Se ele tinha isso em mente,
essas coisas me bastam. Enviai-nos para
a antiga Tebas, para que, indo, possamos 1770
impedir, se possível, o assassínio
de nossos irmãos.

Teseu

Farei isso e, por gratidão, prontifico-me
a fazer tudo o que convém a vós
e a ele, que está sob a terra e que 1775
há pouco partiu. Não devo me poupar.

Coro

Cessai e não mais
desperteis o lamento!
Pois essas coisas estão totalmente garantidas!

Entre o humano e o divino

Em “Oedipe a Colone”, Reinhardt⁴⁷ aponta que não é um fato incomum a transformação do personagem central de um drama em um herói que passa a ser cultuado após sua morte. Temos um exemplo disso não apenas na tragédia em questão, mas ainda em outras peças como *Ájax* e *As Traquínias* de Sófocles e *Os Heraclidas* de Eurípides. Nesses casos, porém a metamorfose em herói é apenas mencionada como uma conclusão da peça. *Édipo em Colono* apresenta uma diferença em relação a esse aspecto: Sófocles inova ao centrar o enredo justamente no processo de transformação do personagem.

Nota-se que, em sua composição, o autor se valeu de um tipo de drama cuja representação era comum no solo ático: a tragédia de suplicantes. A “fórmula” é geralmente a seguinte: um personagem chega a uma cidade, geralmente Atenas, prostra-se como súplice diante de um altar e roga por asilo e proteção contra os inimigos. Há, geralmente, um rei generoso que os acolhe. Após a acolhida, surge a ameaça do inimigo, o que tem como função aumentar a tensão no drama, mas a contenda é sempre vencida pelo país aliado, que garante a salvação de seu suplicante. Percebe-se, evidentemente, que um enredo que gira em torno destes parâmetros é, de um modo geral, patriótico, na medida que exalta a cidade que deu asilo ao súplice.

Autores como Bowra⁴⁸ e Reinhardt⁴⁹ admitem que Sófocles provavelmente se utilizou dessa estrutura na composição de *Édipo em Colono*, mas afirmam que o poeta inovou de maneira significativa ao revestir o tema com um forte sentido religioso, que não permeia, ao menos com tal intensidade, as demais tragédias de suplicantes.

A fim de ilustrar sua comparação, Reinhardt⁵⁰ estabelece uma breve comparação entre a tragédia aqui traduzida e *Os Heraclidas*. Em ambas as peças, os suplicantes são interrogados: os habitantes desejam saber de que país se originaram seus novos hóspedes e que favor almejam obter da cidade. O nome dos suplicantes só é revelado após um longo diálogo, mas, na tragédia de Eurípides, a revelação não causa espanto ou piedade como em Sófocles. Outro aspecto em comum entre as duas peças consiste no fato de que em *Os Heraclidas*, o corpo de Hércules protegerá o solo ateniense contra ataques futuros, assim

⁴⁷ REINHARDT, K. “Oedipe a Colone” In: *Sophocle*. Trad. Emmanuel Martineau. Paris: Minuit, 1994. p. 251.

⁴⁸ BOWRA, C. M. “Oedipus at Colonus” In: *Sophoclean Tragedy*. Oxford, Clarendon Press, 1944. p. 308.

⁴⁹ *Op. cit.* p. 251.

como o sepulcro oculto de Édipo também servirá de escudo para Atenas. Há que se considerar, porém, uma diferença significativa: na tragédia de Sófocles, é o próprio Édipo quem profere o vaticínio, assumindo, deste modo, um tom altamente profético e religioso. O personagem conhece suas predições ao ouvi-las do próprio Apolo, fato que ilustra uma ligação significativa entre Édipo e o plano divino.

Podemos observar, dessa forma, que, o que realmente difere Sófocles de Eurípides com relação ao tratamento do suplicante, é justamente o tom de religiosidade que o autor de *Édipo em Colono* emprega em sua última peça. Reinhardt⁵¹ aponta que o drama consiste na passagem do profano para o sagrado, já que o personagem, maculado pelo parricídio e pelo incesto, passa a ser exaltado pelos deuses, assume a posição de herói e atua como protetor de Atenas.

Passemos então a analisar esse processo de transformação, bem como a atmosfera de religiosidade que envolve o tema. Para tal, observaremos, em um primeiro momento os versos a seguir:

*Quem hoje acolherá Édipo -
um vagamundo - com dons escassos?
Pouco peço, menos ainda recebo
e a mim isso basta.
As dores, o delongado Cronos que a mim se une
e a nobreza ensinam-me a resignação.
Filha, se vês um assento em um espaço
onde é lícito pisar ou em bosque sacro,
para e acomoda-me para sabermos
onde estamos: estrangeiros aprenderemos
como os cidadãos e executaremos o que ouvirmos.*

(Versos 3 – 13)

⁵⁰ *Op. cit.* p. 255 – 256.

⁵¹ *Op. cit.* p. 253.

No início da peça, sabemos que um longo tempo se passou desde que Édipo deixou Tebas. Sua velhice e sua vida errante, como o próprio personagem afirma, concederam-lhe o dom da paciência. Ele se submete às leis de outros países, já que, exilado e errante, obtém o sustento próprio por mãos alheias. Esta é, portanto, a primeira impressão que temos de Édipo no drama: um ancião frágil e humilde que necessita da ajuda dos outros para sobreviver. Tal imagem, porém não se sustentará por muito tempo. Ao longo do drama, o personagem abandona gradualmente o tom humilde e passa a mostrar sua verdadeira personalidade, principalmente quando sua ira é provocada. Essa mudança de comportamento já pode ser observada desde o início, pois, tendo se estabelecido em solo sagrado, Édipo se recusa a abandonar o local, ainda que isso seja, aparentemente, ilícito. É o que demonstram os versos 44 – 46:

Édipo

Que, propícias, acolham o súplice:

eu não deixaria ainda este posto!

Estrangeiro

O que dizes?

Édipo

É o sinal do meu destino!

Para Winnington-Ingram⁵² esse momento da peça já evidencia a natureza sobre-humana do personagem, pois sua entrada no santuário e a autoridade com que afirma sua permanência são traços de um caráter forte e jamais ilustrariam uma figura pusilânime. Se recordarmos que, em sua primeira fala, Édipo afirma que deve agir conforme a vontade dos cidadãos locais, notamos aqui um contraste. Sua humildade já começa a ser deixada de lado e sua altivez passa a assumir um plano mais central em seu caráter.

A partir desse ponto, é interessante observar que Édipo quase não é mais questionado pelo passante. É ele quem passa a dirigir o diálogo, indagando sobre o local e

⁵² WINNINGTON-INGRAM, R. P. “Oedipus at Colonus” In: *Sophocle: an Interpretation*. Cambridge University Press. p. 255.

solicitando a intervenção do rei, solicitação essa que não poderia ser feita por um mendigo qualquer que chegasse a cidade.

O personagem revela que não se trata de um suplicante comum, entretanto, essa revelação é feita aos poucos, pois, quando solicita a presença de Teseu, Édipo insinua que o rei lucrará com sua presença, mas não menciona que benefícios obterá.

A seguir, quando o estrangeiro se afasta, Édipo revela ao espectador o motivo pelo qual insistiu em permanecer em solo sagrado: cumpre, apenas, os desígnios de Apolo, que profetizou que sua morte ocorreria naquele local. É mencionada ainda outra profecia: sua morte terá o poder de beneficiar os aliados e punir os inimigos. Sua prece nos mostra que o personagem foi guiado pelos deuses até o santuário, o que demonstra uma relação mais próxima entre Édipo e o plano divino. Com relação a esse ponto da peça, Allègre⁵³ defende a idéia de que, ao se estabelecer no santuário das Eumênides, de certa forma, o personagem passa a se identificar com as deuses e, assim como ela, exprime um temor religioso que contagia tanto o estrangeiro que o indaga, como os velhos de Colono, que compõem o coro. Blundell⁵⁴ vai além e sugere que, assim como as Eumênides, Édipo assume um lado benevolente, que proporcionará a salvação dos aliados, e, ao mesmo tempo, um lado aterrador, responsável pela punição dos tebanos.

No primeiro canto coral, observamos que a reação dos habitantes de Colono em relação ao comportamento de Édipo é um misto de reprovação e piedade. O coro pensa que se trata de um homem ímpio, visto que o personagem ocupa o bosque sagrado:

*Agora há rumores de que
chegam sem respeitá-las.
Busco-o por todo o templo
e ainda não consigo
saber onde ele está.*

(Versos 133 – 137)

⁵³ ALLÈGRE, F. “Oedipe a Colone” In: *Sophocle: Étude sur les ressorts dramatiques de son theatre et la composition de ses tragédies*. Lyon, 1905. p. 272.

⁵⁴ BLUNDELL, M. W. “Oedipus at Colonus” In : *Helping Friends and harming enemies. A study in Sophocles and greeks ethics*. Cambridge University Press. p. 257 – 258.

Quando Édipo surge diante do coro, sua simples presença desperta a piedade de seus interlocutores. É o que evidencia a segunda entrada do canto coral. Édipo ainda é tratado como irreverente, mas o que sobressai na antístrofe é o sentimento de piedade que o cego ancião desperta com sua aparência frágil e sofrida. O coro solicita que ele deixe o local, mas salienta que isso deve ser feito em vista de seu próprio bem. Notamos portanto que a impressão inicial que o herói desperta nos habitantes de Colono é semelhante à impressão causada ao espectador no início da peça.

O encontro entre Édipo e o coro é um dos momentos grandiosos da tragédia. Desde a entrada do primeiro canto coral, esperamos que Édipo revele sua identidade; entretanto, isso só ocorrerá após 1-4 versos, o que é responsável por aumentar a intensidade dramática da peça. Quando o coro finalmente interroga o nome do personagem, Édipo ainda protela a revelação por 19 versos. Mesmo quando decide declarar quem é, não o faz de imediato, mas menciona primeiro Laio e a raça dos Labdácidas, até que os habitantes de Colono deduzem que se trata do antigo rei tebano. Essa demora concorre para aumentar a tensão do espectador da peça, que ainda não sabe qual será a reação do coro ao saber que o forasteiro é um homem maculado por seu passado.

Assim que conhecem a identidade do personagem, os habitantes de Colono decidem expulsá-lo. É então que intervém Antígona, com o objetivo de obter a piedade de seus futuros anfitriões. A súplica da moça, entretanto, não surte efeito e Édipo passa a proferir sua própria defesa. Nesse momento, o personagem é movido principalmente por seu lado mais altivo, despindo-se da antiga humildade.

Na primeira vez que se defende, Édipo profere um discurso não muito organizado, o que, segundo Allègre,⁵⁵ se justifica pelo fato de que sua intervenção é motivada pela irritabilidade e pela paixão. Seria natural, portanto, que o personagem se expressasse de um modo um pouco confuso. Neste discurso, Édipo se vale apenas do argumento de que fora vítima do destino e que agira inconscientemente. Notamos que sua fala assume um tom um tanto quanto emocional, como se o temor do coro o tivesse despertado de sua passividade inicial e o tivesse desafiado. Os versos a seguir ilustram esses traços da primeira defesa de Édipo:

⁵⁵ *Op. cit.* 285 – 286.

*Qual é então o ganho da fama
e da bela glória se em vão se esvaem,
já que dizem ser Atenas a mais reverente
aos deuses, única capaz de salvar o estrangeiro
oprimido, única capaz de defendê-lo?
Onde está tudo isso para mim?
Vós que deste degrau me afastastes
me banis agora só por temer meu nome?
Pois não é meu corpo, não são meus atos,
já que meus atos, sabe, antes os sofri do que os cometi,
se preciso narrar as ações de minha mãe
e de meu pai, pelas quais me receais. Bem sei!
Contudo, como posso ser por natureza vil,
eu, que sofri e revidei, de modo que, mesmo
se ciente agisse, nem assim seria vil!
Mas cheguei onde cheguei inconsciente
e aqueles por quem sofri, cientes, me arruinaram.*

(Versos 266 – 274)

O que, de fato, move o coro a favor de Édipo não é a piedade, mas a atmosfera religiosa que envolve o personagem. Se assim não fosse, o comovente discurso de Antígona a favor do pai seria suficiente para convencer os habitantes de Colono. O que ocorre é que o coro só desiste de expulsar o forasteiro, quando percebe que ele tem alguma relação com os deuses, e, por isso, trará benefícios à cidade:

*Pois chego sacro, reverente e trago ganho
a estes cidadãos. Quando um chefe estiver aqui –
quem quer que seja vosso líder –
então, ouvirás tudo e saberás.
Por enquanto, de modo algum te tornes vil.*

(Versos 287 – 291)

Para Allégre,⁵⁶ Édipo desperta no coro um misto de terror e piedade que acaba por se tornar um sentimento de temor religioso. Os habitantes de Colono percebem que não se trata de um homem comum. Assim, é permitido a ele permanecer no santuário até que o rei de Atenas venha e decida seu destino.

A chegada inesperada de Ismene também concorre para mostrar a transformação do personagem, uma vez que as notícias trazidas pela moça despertam sua ira. Nota-se que, à medida que o diálogo com a filha evolui, Édipo assume um tom cada vez mais enérgico, o que culmina quando o personagem vaticina a morte como destino dos próprios filhos.

Para Bowra,⁵⁷ a inserção de Ismene no drama tem for função ressaltar alguns traços do caráter do protagonista da peça. As notícias vindas de Tebas são fundamentais para que Édipo expresse seu descontentamento em relação aos filhos:

*Que os deuses não lhe extingam
a fatal disputa e que para ambos
caiba a mim a decisão desta contenda,
que agora ambos travam, erguendo o gládio!*

(Versos 421 – 424)

O trecho em questão é útil para evidenciar o tom enérgico que assume a fala de Édipo, tom esse que contrasta com o comportamento inicial expresso no início do drama. O mísero ancião que chegou a Colono para morrer despe-se pouco a pouco de sua fragilidade e passa a exibir sua condição heróica. Além de se proclamar salvador de Atenas, Édipo passa a predizer o futuro dos filhos. Sabemos que o dom da profecia não é dado ao homem comum, o que evidencia o *status* religioso e sobre-humano que o personagem adquire à medida que a peça evolui.

Se por um lado, a ira de Édipo é intensa, por outro, o amor em relação às filhas não assume menor intensidade. O protagonista condena os filhos na mesma medida que elogia as filhas. Sófocles joga com emoções conflitantes que ilustram o caráter cada vez mais enérgico que o personagem passa a assumir. Neste ponto, é conveniente recordar que os

⁵⁶ *Op. cit.* p. 272.

⁵⁷ BOWRA, C. M. “Oedipus at Colonus” In: *Sophoclean Tragedy*. Oxford, Clearendon Press, 1994. p. 323.

heróis, situados entre a condição humana e a divina, também são dotados de emoções próprias dos homens, mas estas são evidenciadas com maior intensidade do que ocorre no ser humano comum. É o que parece ocorrer no caso em questão. O amor pelas filhas e o ódio pelos filhos contratam como pontos extremos de um mesmo caráter. Por isso, Ismene é fundamental para garantir a harmonia do drama. Creonte e seu séquito estão em contraste com Édipo e o coro; Tebas se opõe a Atenas e os dois filhos situam-se como figuras opostas às duas filhas de Édipo.

Ao conhecer, por intermédio de Ismene, o oráculo referente ao novo hóspede, os habitantes de Colono mudam totalmente seu comportamento em relação a Édipo. Não mais são hostis e não mais desejam expulsá-lo; ao contrário, passam a lhe ensinar os ritos que deve realizar para que possa permanecer no santuário sem cometer impiedades.

A menção do ritual ilustra de maneira expressiva a atmosfera de religiosidade que permeia a peça. Não é à toa que Sófocles descreve o rito com riqueza de detalhes. Trata-se, segundo Bowra,⁵⁸ de um ritual de purificação, o que permite ao espectador do século V aceitar com mais facilidade o fato de que um homem maculado pelo parricídio venha a ser favorecido pelos deuses.

A medida que a morte de Édipo se aproxima, o personagem passa a assumir um comportamento cada vez mais divino e menos humano. Entretanto, é apenas nos momentos finais que o personagem tornar-se-á auto suficiente. Se, por um lado, notamos traços sobre-humanos na composição do herói, por outro, ainda há alguns aspectos de debilidade. É o que se observa, por exemplo, quando Ismene se afasta para cumprir os rituais:

*Ide, praticai célere, mas não me deixeis só,
pois meu corpo solitário não teria forças
para prosseguir sem um guia.*

(Versos 500 – 503)

É interessante notar que esses versos contrastam significativamente com os momentos finais da peça, quando Édipo não mais necessita de guia e passa a guiar o rei Teseu até o

⁵⁸ *Op. cit.* pág. 318.

local onde deve morrer. Tal contraste indica um movimento crescente, que ilustra a passagem do personagem da condição humana para a heróica.

Enquanto espera a vinda de Teseu, Édipo é interpelado pelo coro, que deseja ouvir o relato sobre o parricídio e sobre o incesto. Sabemos que público do século V a.C. era conhecedor dos mitos helênicos; assim, seria um tanto ingênuo pensar que os relatos de Édipo foram inseridos para que os espectadores conhecessem os acontecimentos que antecederam o enredo da peça. Uma maneira mais coerente de se justificar a inserção desse relato consiste no fato de que devemos sempre considerar a mentalidade do homem médio da época em que as tragédias foram encenadas em compostas. Para o público, provavelmente era difícil aceitar que um homem como Édipo, tão odiado pelos deuses, fosse agora enaltecido a ponto de transformar-se em herói. Assim, podemos afirmar que as defesas do personagem são úteis para livrá-lo de qualquer mácula. De fato, os deuses não foram condescendentes com Édipo, mas agora seus feitos involuntários não mais têm importância e o personagem parece ser recompensado por seus anos de vida errante.

Além de ser responsável por despertar a piedade do espectador, as defesas de Édipo nos permitem notar uma certa evolução no caráter do personagem. Se em seu primeiro discurso sobre o parricídio, o personagem se mostra abalado, sua segunda defesa é baseada em uma argumentação mais clara e organizada, ainda que seja breve. O argumento utilizado ainda é a inconsciência dos atos, mas agora, o herói o aplica pontualmente ao parricídio e ao incesto, como demonstram os versos abaixo:

Sofri misérias, estrangeiros, sofri a contragosto.

Que o deus o saiba:

nada disso foi voluntário...

(Versos 521 – 523)

A cidade, sem saber, com um mísero leito,

atou-me a núpcias nefandas...

(Versos 525 – 526)

*Eu explicarei:
perturbado pela maldição, matei e aniquilei,
mas puro perante a lei. Sem saber cheguei a isso.*
(Versos 546 – 547)

Com relação a essa segunda defesa, Allègre⁵⁹ aponta que, embora seja menos confusa que a primeira, ela ainda não assume um tom fortemente argumentativo. Vale lembrar, nesse ponto, que se trata de um trecho essencialmente lírico, em que prevalece mais o tom emocional do que o racional. Além disso, o personagem desenvolve sua defesa diante de um auditório que lhe é favorável; o coro não o acusa formalmente, mas apenas demonstra curiosidade sobre seu passado, o que faz com que não haja necessidade de uma argumentação pontual, precisa e consistente.

O diálogo é interrompido pela chegada do rei de Atenas, que passa a dialogar com o protagonista da peça. Também nesse ponto, Édipo exprime algumas características que o elevam acima do homem comum. Teseu não compreende como Tebas tornar-se-ia hostil. É o espírito de moderação que rege o rei ateniense, pois os que o faz duvidar de ataques inimigos é o bom relacionamento que costuma manter com as cidades vizinhas. Édipo discursa então sobre a mutabilidade das coisas. Cada vez mais lúcido, o herói observa que tudo está sujeito à ação do tempo e que nada, exceto o que é divino, pode permanecer inalterado.

Em seu diálogo com Teseu, Édipo também mostra seu lado divino ao fazer, em nome dos deuses, predições sobre o futuro. É o que ilustram os versos 621 – 623:

*lá, onde meu dormente e oculto cadáver
gélido deles o quente sangue sorverá –
se Zeus ainda é Zeus e Febo, filho de Zeus, é veraz.*

A menção de acontecimentos futuros não apenas coloca Édipo acima da condição humana, mas ainda o envolve no já mencionado ambiente de religiosidade, uma vez que, à medida que a peça se desenvolve, o personagem fica cada vez mais próximo dos deuses.

⁵⁹ *Op. cit.* pág. 289.

Bowra⁶⁰ aponta que a menção do sangue inimigo não só é vista como a satisfação da vingança de Édipo, mas também como uma alusão ao fato de que o personagem transformar-se-á em herói após sua morte, uma vez que o sangue era uma das oferendas empregadas nas cerimônias de culto aos heróis.

A chegada de Creonte também é útil para demonstrar a evolução do caráter do protagonista, uma vez que Édipo e Creonte são personagens opostas. A bondade de um é proporcional à maldade do outro. A fraqueza de caráter do rei tebano se mostra desde o início, pois seu discurso é iniciado com palavras amigáveis, porém falsas:

*Nobres homens, habitantes deste país,
vejo vossos olhos tomados
por um súbito pavor diante de minha chegada:
não receeis nem solteis palavras de insulto.
Pois não venho com a intenção de perpetrar algo,
já que sou velho e sei que venho para uma cidade
forte, se é que há na Grécia uma poderosa.*

(Versos 728 – 734)

Como se nota, Creonte se vale do artifício da *capitatio benevolentiae* para dispor o coro a seu favor: além de elogiar a cidade, se auto descreve como um ser inofensivo, estratégias que deveriam funcionar como uma condição prévia para que o coro o ouça e se deixe persuadir por suas palavras.

Ao longo de seu discurso, o personagem se mostra compungido pela dor de Édipo e menciona a pátria, assim como o parentesco que os une. Isso deveria despertar um profundo respeito por parte do espectador, se este não soubesse que se trata de um falso discurso. A argumentação de Creonte, embora seja bem estruturada, não tem força persuasiva porque Ismene já advertira a todos os possíveis ouvintes – coro e espectador – sobre as ocultas intenções de seu tio. Uma vez que se sabe que Creonte não se compadece de Édipo, mas deseja se apoderar de seu interlocutor em benefício próprio, seu discurso exerce sobre o ouvinte uma influência inversa. As palavras do personagem não persuadem o coro; antes,

⁶⁰ *Op. cit.* pág. 312.

exaltam ainda mais o caráter maléfico do inimigo, pois sabemos que as palavras amáveis proferidas por Creonte constituem apenas uma máscara assumida a fim de obter êxito em seus objetivos.

Na tentativa de reconduzir Édipo, Creonte afirma que não apenas ele, mas toda a cidade deseja seu retorno, o que é mencionado por duas vezes em seu discurso.⁶¹ Essa menção tem por objetivo trazer a mente do interlocutor a presença do povo que Édipo governara outrora. Esse argumento, no entanto, não mais tem validade, uma vez que o herói rompeu seus laços com Tebas a partir do momento em que foi exilado.

Ao perceber que sua argumentação falou, Creonte deixa cair sua máscara e parte para a agressão verbal. Seu comportamento difere da apresentação que fizera durante sua chegada, na medida em que ele não mais parece inofensivo e frágil, o que, de fato, é comprovado quando Creonte captura Antígona e Ismene e deseja, por fim, apoderar-se do próprio Édipo.

Para Reinhardt,⁶² a oposição entre Teseu e Creonte é esperada, uma vez que o drama se baseia na polarização amigo *versus* inimigo. O autor afirma que Teseu é um modelo de bom comportamento para um grego do século V a.C. O rei é piedoso em relação ao suplicante, o que pode ser observado não apenas com o acolhimento de Édipo, mas também com a chegada de Polinices. Além disso, Teseu é justo e moderado ao punir Creonte. Com relação a isso, Reinhardt⁶³ aponta que o rei encarna a justa medida e, assim, trata com dignidade até mesmo os inimigos, pois sua punição consiste apenas na reparação do mal causado.

Ao contrário do rei de Atenas, Creonte assume todas as fraquezas de caráter responsáveis por tornar um personagem vil. Ele tenta enganar o coro para conseguir o que deseja, apresenta uma falsa piedade, profere ameaças verbais e, por fim, parte para violência física. Suas ações, portanto, não condizem com as palavras que iniciam seu discurso.

Assim como Teseu representa Atenas, podemos afirmar que as atitudes de Creonte refletem sua pátria. Tebas é, portanto, uma figura oposta a Atenas. A antiga pátria de Édipo

⁶¹ Versos 738 e 741.

⁶² *Op. cit.* pág. 271.

⁶³ *Op. cit.* pág. 273.

apresenta-se como uma cidade dividida em que, como afirma Vidal-Naquet,⁶⁴ há três pretendentes para o trono: Creonte (v. 851), Eteolces e Polinices (vs 371 – 373). Atenas, ao contrário, não apresenta qualquer divisão. As decisões acerca da chegada de Édipo são tomadas em comum acordo. Toda a *pólis* aceita o acolhimento do herói; isso não é uma imposição de Teseu. Tebas também se opõe a Atenas na medida em que é a causadora dos males de Édipo, enquanto Atenas é sua salvadora.

Segundo Blundell,⁶⁵ Creonte tenta utilizar o recurso da *philia* a seu favor. O argumento do personagem se fundamenta no seguinte princípio: ao proferir maldições contra o cunhado, Édipo desrespeitou a *philia* que deveria haver entre eles por causa do parentesco. Assim, Creonte, teria o direito de punir seus opositores e, por isso, captura as filhas de Édipo. O argumento, entretanto, não é válido, visto que já fora mencionado anteriormente que o próprio Creonte já não respeitara a *philia* no passado, ao expulsar Édipo de Tebas sem se preocupar com sua condição de exilado. Além disso, devemos considerar que a maldição proferida por Édipo nos versos 864 – 870 é posterior à violência sofrida pelo personagem, o que evidencia de modo ainda mais claro a falsidade do discurso de Creonte.

Enquanto tenta justificar a Teseu suas ações, Creonte recorda os feitos que macularam Édipo:

*Sabia que não acolheriam um homem
parricida e impuro, para quem os laços
nupciais se revelaram os mais sacrílegos.*

(Versos 944 – 946)

O herói profere então sua terceira defesa. Nesse caso, Édipo é formalmente acusado por Creonte e responde pontualmente a cada acusação. A argumentação adquire um tom bem mais persuasivo do que os demais discursos de defesa, pois, agora, Édipo encontra-se diante de um acusador e precisa provar sua inocência não só ao coro e a Teseu, mas ainda ao espectador da peça.

⁶⁴ VERNANT & VIDAL-NAQUET. “Édipo entre duas cidades” In: *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Ed. Perspectiva, 1999. Pág. 293.

⁶⁵ *Op. cit.* pág. 234.

Inicialmente, Édipo se declara vítima das ações divinas. Esse argumento se aplica, de modo geral, tanto ao incesto quanto ao parricídio e parece bastante convincente, entretanto, o personagem passa a desenvolver uma argumentação mais precisa, enumerando argumentos que o inocentem com relação à morte do pai. Em primeiro lugar, é mencionado que, mesmo antes do nascimento de Édipo, fora predito que Laio morreria pelas mãos de um filho. Nesse caso, o herói se coloca como joguete dos deuses, o que o livra da culpa. Em seguida, o personagem se vale do argumento da inconsciência, também válido para inocentá-lo de seus crimes. Tais argumentos por si só já seriam válidos para provar a inocência de Édipo; porém o personagem menciona ainda que agiu em auto-defesa e insinua ainda que o próprio Creonte teria agido da mesma forma. Acrescenta, por fim, que, se o próprio Laio pudesse julgá-lo, não o condenaria.

Como se nota, essa defesa é mais organizada e precisa e, portanto, mais persuasiva do que as anteriores. Não há interrupção e Édipo se porta como se estivesse diante de um tribunal. Seus argumentos vão evoluindo até envolver completamente o coro e o espectador, o que também é responsável por desmascarar Creonte. Se observarmos as três defesas do herói, podemos notar um movimento como que do *caos* para a *ordem*, movimento esse, que coincide com a personalidade do protagonista na peça.

A chegada de Polinices também traz indícios da evolução de caráter do herói do drama. O ódio expresso em relação ao filho é tão expressivo que ele hesita em dirigir a palavra ao filho. Polinices discursa por um tempo considerável até que seu pai profira algumas palavras em resposta.

Quando finalmente se digna a responder, o herói profetiza a morte dos dois filhos. Ao assumir o *status* de profeta, não é difícil perceber que Édipo está cada vez mais próximo dos deuses e, cada vez mais distante de seu lado humano.

A saída de Polinices precede a bela cena de despedida entre Édipo e as filhas. Novamente, o herói mostra todo o amor que nutre pelas meninas, o que contrasta com a cena anterior, em que prediz o mútuo assassinio dos filhos. Também aqui, seu amor assume proporções heróicas.

O final da peça tem características sobrenaturais, que coroam a transformação de Édipo em herói. O personagem sabe que é chegado o momento de sua morte devido aos sinais enviado por Zeus. Os clarões e relâmpagos que precederiam os instantes finais da

vida de Édipo, segundo a profecia mencionada nos versos 91 – 95, já são perceptíveis pelo coro e pelos personagens da peça. Após a chegada de Teseu, Édipo se torna seu próprio guia. Durante sua vida errante, o herói fora guiado pela filha por causa da cegueira. Agora, dotado de uma clarividência que o eleva acima do ser humano comum, o personagem é que passa a guiar seus companheiros para o interior do santuário. Percebe-se que a condição heróica lhe proporciona poderes antes desconhecidos.

Nesse ponto da peça, há a entrada de um canto coral que assume a forma de uma prece para que Édipo deixe a vida sem sofrimento. Os deuses infernais são mencionados diversas vezes pelo coro, o que proporciona à cena uma forte atmosfera religiosa. Novamente, o herói passa a inspirar temor religioso, já que se identifica com os deuses ctônicos, aos quais se unirá após a morte.

Como não é permitido a ninguém, exceto a Teseu, conhecer o local exato da morte de Édipo, a descrição da cena nos é revelada por meio de um mensageiro. sua narração é fortemente permeada pelo sentido religioso. Inicialmente, há a descrição de um ritual pelo qual passa Édipo antes de morrer. A cena é mostrada com riqueza de detalhes, o que serve para intensificar esse sentimento religioso que envolve a morte do herói. Édipo é finalmente chamado pela voz divina, o que indica que o personagem está muito próximo dos deuses.

Sabemos que a condição heróica consiste em uma situação intermediária entre o humano e o divino. À medida que a peça evolui, Édipo passa a se situar mais próximo dos deuses do que dos seres humanos comuns. Em oposição ao início da peça, nos momentos finais de sua vida, o personagem é muito mais divino do que humano. Não há mais fragilidade, não há mais cegueira. Édipo não precisa mais ser protegido; a partir de agora, é ele quem protegerá Atenas.

Bibliografia:

ALLÉGRE, F. *Sophocle. Étude sur les ressorts dramatiques de son theatre et la composition de ses tragédies*. Lyon, 1905.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Euduro de Sousa. Ars poética, São Paulo: 1993.

BLUNDELL, M. W. *Helping Friends and Harming Enemies. A Study in Sophocles and Greek Ethics*. Cambridge University Press.

BOWRA, C. M. *Sophoclean Tragedy*. Oxford, Carendon Press, 1994

BUXTON, R. *Persuasion in Greek Tragedy. A Study of a Peitho*. Cambridge, 1982.

CALAME, C. “Mort héroïque et culte à mystère dans l’Oedipe à Colone de Sophocle: actes rituels au service de la création mythique.” In: *Ansichten Griechischer Rituale*. B. G. Teubner Stuttgart und Leipzig, 1998.

GOLDHILL, S. *Reading Greek Tragedy*. Cambridge University Press.

JONES, J. *On Aristotle and Greek Tragedy*. Oxford, 1962.

KAMERBEEK, J. C. *The plays of Sophocles. Commentaries. Part VII. The Oedipus Coloneus*. Leiden, E. J. Brill, 1984.

KITTO, H. D. F. *A Tragédia Grega. Vol II*. Trad. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Armenio Amado Editora, 1990.

KNOX, B. M. W. *The Heroic Temper. Studies in Sophoclean Tragedy*. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1983.

LLOYD-JONES & WILSON. *Sophoclea. Studies on the text of Sopcles*. Oxford, 1990.

REINHARDT, K. *Sophocle*. Trad: Emmanuel Martineau. Paris: Minuit, 1994.

ROMILLY, J. *A tragédia grega*. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1998.

SEGAL, C. *Tragedy and Civilization. An interpretation of Sophocles*. Cambridge Mass, 1981.

_____ *Interpreting Greek Tragedy. Myth, Poetry, Text*. Cornell University Press.

SOFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VERNANT & VIDAL-NAQUET, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Ed. Perspectiva, 1999.

WEBSTER, T. B. L. *An Introduction to Sophocles*. Oxford, Carendon, Press, 1936.

WHITMAN, C. H. *The Heroic Paradox. Essays on Homer, Sophocles and Aristophanes*. Cornell University Press, 1982.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Sophocles: an interpretation*. Cambridge University Press.